

UNIVERSIDADE FEEVALE

RODRIGO ROSSINI

MUSEU NACIONAL DO CALÇADO

Novo Hamburgo

2010

RODRIGO ROSSINI

MUSEU NACIONAL DO CALÇADO

Pesquisa para o Trabalho Final de Graduação
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo pela Universidade Feevale

Orientadora: Alessandra Migliori do Amaral Brito

Novo Hamburgo
2010

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. TEMA	07
1.1 História do calçado.....	07
1.2 Justificativa acerca do tema.....	09
1.3 Público alvo.....	12
2. MÉTODO DE PESQUISA	13
2.1 Pesquisa Bibliográfica.....	13
2.2 Entrevista	13
2.3 Resultado da entrevista	14
3. MUNICÍPIO	25
3.1 História.....	25
3.2 Dados gerais.....	27
4. LOTE	31
4.1 Localização	31
4.2 Levantamento topográfico.....	32
4.3 Fluxo viário e entorno.....	36
4.4 Orientação solar, clima e ventos predominantes	42
4.5 Regimes urbanísticos.....	45
4.6 Justificativa da escolha	47

5. PROJETOS REFERENCIAIS E ANÁLOGOS	48
5.1 PROJETOS REFERENCIAIS	48
5.1.1 Museu de Arte de São Paulo - MASP	48
5.1.2 Museu de Arte Latino Americana de Buenos Aires - MALBA.....	56
5.1.3 Museu de Arte de Grand Rapids	61
5.1.4 Centro Galego de Arte Contemporânea	66
5.1.5 Ampliação da Escola de Arquitetura, Arte e Desenho de Santiago....	70
5.1.6 Centro Médico Strips	74
5.1.7 Museu Hergé	77
5.2 PROJETO ANÁLOGO	79
5.2.1 Museu Bata do Sapato de Toronto.....	79
6. PROPOSTA	84
6.1 Programa de necessidades e pré-dimensionamento	84
6.1.1 Acesso público	84
6.1.2 Exposições	85
6.1.3 Setor administrativo.....	86
6.1.4 Setor de apoio	87
6.1.5 Depósito e manutenção.....	88
6.1.6 Auditório	88
6.1.7 Estacionamento.....	90
6.1.8 Planilha de áreas.....	90
6.1.9 Reservatórios	92
6.2 Organograma.....	92
6.3 Conceito.....	93
CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE A – Mapa fundo / figura	101

APÊNDICE B – Mapa do sistema viário	103
APÊNDICE C – Mapa de usos	105
APÊNDICE D – Mapa de alturas.....	107
APÊNDICE E – Questionário da entrevista.....	109
ANEXO A – Reportagens acerca do tema	113

“Um museu é por excelência a instituição que tem como função a conservação do patrimônio cultural de um determinado povo, a manutenção e a valorização de sua identidade. (...) Guardar é preservar uma coisa não é trancá-la, mas, sim, zelar por ela para poder observá-la e admirá-la (...).” (CÍCERO, 2002).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar os aspectos relevantes para o desenvolvimento do projeto para o Museu Nacional do Calçado, analisando sua viabilidade construtiva e sua importância para a sociedade.

O projeto prevê implantação na cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, município considerado como a “Capital Nacional do Calçado”. Devido à necessidade de existir um novo local representativo e em melhores condições que abrigue o acervo que conta parte da história do Vale dos Sinos, onde Novo Hamburgo está situado, decidiu-se escolher este tema para o Trabalho Final de Graduação.

Assim, o principal objetivo do projeto é criar um espaço que conserve a memória da atividade coureiro-calçadista do país, mantendo uma exposição permanente do acervo, além de desempenhar uma função educativa e pedagógica ao compartilhar de seu conteúdo e potencialidades através de cursos, exposições, visitas orientadas e encontros culturais ligadas à questão do *design* de calçado e da moda.

1. TEMA

1.1 História do calçado

Calçado é o nome dado a sapatos, botinas, sandálias e a tudo que cobre e protege os pés. A história da humanidade sempre esteve ligada ao uso de vestimentas, e o calçado foi parte essencial deste costume ao longo dos séculos.

Existem evidências que mostram que a história do calçado começa a partir de 10.000 a.C, ou seja, no final do período paleolítico, quando pinturas desta época em cavernas na Espanha e no sul da França fazem referência ao sapato. Nos hipogeus (câmaras subterrâneas usadas para enterros múltiplos) egípcios, que têm idade entre seis e sete mil anos, foram descobertas pinturas que representavam os diversos estados do preparo do couro e dos calçados. As sandálias dos egípcios eram feitas de palha, papiro ou de fibra de palmeira (HISTÓRIA, 2010).

Era comum andar descalço e carregar as sandálias usando-as apenas quando necessário. Sabe-se que apenas os nobres da época possuíam sandálias. Mesmo um Faraó usava calçado como sandálias e sapatos de couro simples, apesar dos enfeites e ouro. Na Mesopotâmia, eram comuns sapatos de couro cru amarrados aos pés por tiras do mesmo material. Os coturnos, nesta época, eram símbolos de alta posição social.

Nos países frios os calçados se caracterizaram ao longo da história por envolver todo o pé e, até mesmo parte da perna, enquanto nos países mais quentes a sandália foi a mais usada.

Os gregos chegaram a lançar moda como a de modelos diferentes para pés direito e esquerdo. Em Roma o calçado indicava a classe social. Os cônsules

usavam sapato branco, os senadores sapatos marrons presos por quatro fitas pretas de couro atadas a dois nós, e o calçado tradicional das legiões era a bota de cano curto que descobria os dedos.

Na idade média tanto homens como mulheres usavam sapatos de couro abertos que tinham uma forma semelhante à das sapatilhas. Os homens também usavam botas altas e baixas atadas à frente e ao lado. O material mais utilizado era a pele de vaca, mas as botas de qualidade superior eram feitas de pele de cabra.

A padronização da numeração é de origem inglesa. O Rei Eduardo (1272-1307) foi quem uniformizou as medidas. A primeira referência conhecida da manufatura do calçado na Inglaterra é de 1642, quando Thomas Pendleton forneceu 4.000 pares de sapatos e 600 pares de botas para o exército. As campanhas militares desta época iniciaram uma demanda substancial por botas e sapatos.

A partir da Revolução Industrial ocorrida do século XVIII, o processo de fabricação do calçado é quebrado em várias e distintas etapas. Até os dias atuais, esta divisão do processo de fabricação é adotada pelas fábricas calçadistas.

Em meados do século XIX, começam a surgir as máquinas para auxiliar na confecção dos calçados, mas só com a máquina de costura o sapato passou a ser mais acessível. A partir dos anos 40 do século passado, grandes mudanças começam a acontecer nas indústrias calçadistas, como a troca do couro pela borracha e pelos materiais sintéticos, principalmente nos calçados femininos e infantis (HISTÓRIA, 2010).

Ao longo da história os modelos de calçados sempre estiveram intimamente ligados ao *status* do homem dentro da sociedade, estabelecendo uma relação entre modelo e posição social. Nos dias atuais, os modelos de calçados possuem uma enorme variedade, atendendo os mais diversos padrões da moda e exigências do mercado consumista. A tecnologia aplicada em calçados esportivos é atualmente um dos principais alvos de investimento por parte das grandes marcas esportivas, provocando uma acirrada disputa dentro da economia mundial para ganho de mercado.

Glamour, beleza, cultura, história, moda, exotismo, sensualidade e identidade, todos estes termos podem ser atribuídos aos calçados. Objetos que surgiram para proteger os pés, mas que se tornaram verdadeiros ícones de época, estilo e representações sociais.

1.2 Justificativa acerca do tema

A história econômica dos municípios formadores do Vale dos Sinos está ligada diretamente à produção de calçados. A região é formada basicamente por uma população de descendência alemã, e é um dos maiores pólos da indústria de calçados do mundo.

Esta região detém em torno de 60% da indústria de componentes do calçado e 80% da indústria brasileira de máquinas para couros e calçados. A economia de Novo Hamburgo nasceu e cresceu com a indústria do calçado, tendo um desenvolvimento rápido, constante e organizado (REGIÃO Metropolitana, 2010).

A região é especializada na fabricação de calçados femininos de couro, mas também é importante na fabricação de calçados de materiais alternativos como o plástico. Também é o maior pólo exportador de calçados do país e o que concentra as maiores empresas na área. Em função disso, surgiu o chamado setor coureiro-calçadista composto por curtumes, indústrias químicas, componentes para calçados, indústrias metalúrgicas e componentes eletrônicos.

Em Novo Hamburgo ocorre ainda anualmente uma das mais importantes feiras do setor calçadista: a FENAC¹. O evento vem sendo realizado desde 1961 e, além de projetar a cidade internacionalmente, tem divulgado o potencial de nossa indústria calçadista (REGIÃO Metropolitana, 2010).

Em virtude disto, justifica-se a criação de um espaço representativo que conserve e conte esta memória da atividade coureiro-calçadista do país, servindo de ligação entre o calçado e os seus visitantes. Percebe-se, então, a importância deste tipo de fundação, pois a sua responsabilidade é preservar aquilo que proporciona identidade e memória para toda a região do Vale dos Sinos, ou seja, o calçado e sua indústria.

O museu terá por objetivos: promover atividades culturais ligadas à questão do calçado integrando o espaço com a comunidade, manter exposições permanentes da atividade calçadista conservando sua memória, apoiar programas de ensino relacionados à área e publicar materiais informativos sobre suas atividades.

¹ FENAC – Feira Internacional de Calçados e Artefatos de Couro

Embora já exista um espaço voltado para abrigar um acervo de cerca de 40.000 peças, entre: sapatos, acessórios, fotos, vestuário, revistas, jornais, livros, componentes, máquinas, molduras, quadros, esculturas, réplicas, vídeos e documentos; localizado no Campus I da Universidade Feevale, faz-se necessário um local com maior representatividade, potencial e flexibilidade para esta função, devido sua importância para toda a comunidade do Vale dos Sinos.

Segundo Montaner (2007):

A característica predominante dos novos museus é a complexidade do programa, a substituição do espaço flexível pelas tradicionais salas e galerias, a excelência dos métodos de conservação, exibição e iluminação dos objetos e o papel urbano que assumem como monumento e lugar de arte.

O Campus I da Universidade Feevale encontra-se na Avenida Dr. Maurício Cardoso, nº 510, no bairro de Hamburgo Velho em Novo Hamburgo (Imagens 1.1 e 1.2).



Imagem 1.1: Localização do Campus I da Universidade Feevale (UNIVERSIDADE FEEVALE, 2010).



Imagem 1.2: Fachada do Campus I da Universidade Feevale (UNIVERSIDADE FEEVALE, 2010).

O Museu Nacional do Calçado (Imagem 1.3) foi criado pelo Decreto Municipal de Novo Hamburgo, nº 159/98, de 20 de outubro de 1998, estando desde então instalado no Campus I da Universidade Feevale e sendo administrado por esta instituição.



Imagem 1.3: Entrada do Museu Nacional do Calçado.

O espaço para exposições e até mesmo o depósito destinado para guardar o acervo do museu apresenta-se muito aquém da necessidade, o que justifica a criação de um espaço maior que o abrigo. De acordo com Kiefer (2000):

A arquitetura de museus modificou-se bastante. Os arquitetos de hoje, chamados pós-modernos, têm uma grande liberdade para propor as mais diferentes soluções para seus projetos de museus, podendo incluir desde velhos princípios acadêmicos até os mais audaciosos *hightechs*. O ponto comum, que une a linguagem de quase todos, é a preocupação com a inserção urbana e o domínio das grandes circulações internas.

1.3 Público alvo

A intenção do MNC² é direcionar o espaço e o acervo a toda comunidade, em especial para os setores mais ligados à produção do calçado, couros e afins, além de pessoas envolvidas no desenvolvimento e estudo destes produtos, como: designers, pesquisadores e pessoas que trabalham com a moda.

O museu ainda contará com uma função educativa e pedagógica voltada para estudantes da área e escolas em geral, compartilhando seu acervo histórico e disponibilizando oficinas e palestras.

Pelo fato do museu se encontrar no bairro de Hamburgo Velho, centro histórico da cidade de Novo Hamburgo, existe ainda um apelo do local para visitas de pessoas que passam por esta rota cultural do município.

² MNC – Museu Nacional do Calçado

2. MÉTODO DE PESQUISA

2.1 Pesquisa bibliográfica

O estudo foi realizado durante o primeiro semestre de 2010. A pesquisa sobre o tema se iniciou através de leitura bibliográfica pertinente, com posterior compilação de documentos, registros e anotações que consistirão em fonte de consulta para a elaboração da proposta.

O embasamento teórico sobre o caso foi oportunizado pela pesquisa de projetos referenciais e análogos, que identificaram e caracterizaram parâmetros arquitetônicos, permitindo assim, uma visão mais objetiva e correta na tomada de determinadas decisões.

A pesquisa documental através do estudo do Plano Diretor de Novo Hamburgo forneceu os subsídios necessários para caracterizar o contexto urbano do local, bem como os regimes urbanísticos empregados no lote escolhido para o desenvolvimento do projeto.

2.2 Entrevista

Foi elaborada e aplicada uma entrevista (ver Apêndice E), na qual constavam perguntas abertas e específicas, que forneceram uma grande quantidade de informações relativas ao tema, a fim de justificar a elaboração de uma proposta de um novo espaço com o objetivo de abrigar o museu.

A pessoa entrevistada foi a Professora Ida Helena Thon, coordenadora do Museu Nacional do Calçado. A entrevista foi realizada no dia 20 de abril de 2010, nas próprias dependências do MNC.

O objetivo desta entrevista foi traçar um panorama geral das atuais condições das dependências do museu, identificando suas carências e o perfil do público alvo, além de quantificar o tamanho de seu acervo, o sistema adotado para o percurso da exposição, e levantar sugestões para a elaboração de um novo projeto que atendesse todas as necessidades. Foi questionado também modo que o museu evidencia seu trabalho para a comunidade e como ele se relaciona com outras fundações similares.

2.3 Resultado da entrevista

Segundo a entrevistada, a expansão econômica a partir do desenvolvimento da indústria calçadista, justifica a importância de um local que resgate esta história. A Prefeitura de Novo Hamburgo não tinha registro das fábricas atuantes no mercado até a década de 60, o que se fez perder parte dos fatos ocorridos até esta época. A motivação da criação do Museu Nacional do Calçado, estabelecida por decreto municipal, partiu da prefeitura juntamente com a Feevale, responsável pela sua administração.

O museu funciona de segunda à sexta, com horário de visitação das 14h às 18h e das 19h às 22h, e também aos sábados, das 8h e 30min às 12h. A média diária de visitantes do museu no ano de 2009 ficou em 30 pessoas, público esse formado por alunos de escolas da comunidade de Novo Hamburgo e municípios vizinhos, alunos de graduação da Universidade Feevale, pesquisadores, designers do ramo calçadista, grupo de idosos e pessoas da comunidade em geral. Isto prova a diversificação do público atendido pelo museu. Segundo a entrevistada, tem se criado nos últimos anos uma cultura de visitação ao MNC, fazendo com que ele apareça na rota histórica de Hamburgo Velho.

Questionada sobre as dificuldades enfrentadas pelo museu, aponta que o depósito existente para o acervo é muito pequeno para a quantidade de peças que possui. Este espaço hoje se encontra no quinto pavimento do Campus (Imagem 2.1), logo abaixo da cobertura do prédio.



Imagem 2.1: Localização do depósito de acervo (adaptada de UNIVERSIDADE FEEVALE, 2010).

O depósito conta com uma área de cerca de 400m², porém tem pé-direito reduzido, especialmente nas laterais do ambiente, devido à declividade do telhado. O local apresenta sérios problemas de climatização, que compromete a conservação de peças do acervo (Imagens 2.2, 2.3 e 2.4).



Imagem 2.2: Depósito de acervo do museu.



Imagem 2.3: Espaço restrito para quantidade de peças do acervo.



Imagem 2.4: Problemas de climatização devido à localização do depósito.

Este depósito, visivelmente improvisado, conta ainda com difícil acesso por uma escada (Imagem 2.5), além de uma grande distância para o local de exposição, localizado três pavimentos abaixo no prédio.

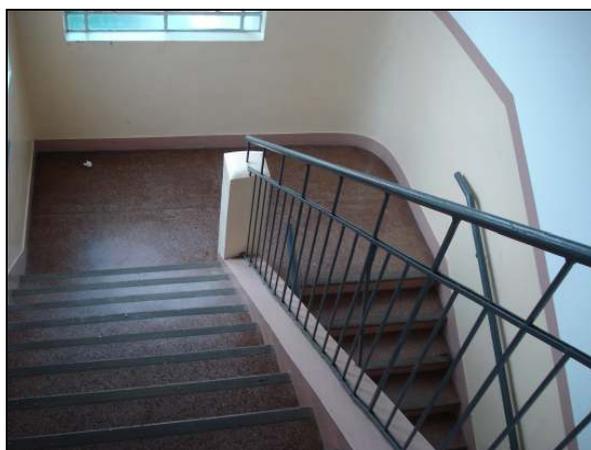


Imagem 2.5: Escada de acesso ao depósito do acervo.

A entrevistada apontou ainda que o museu carece de dependências físicas para a realização de seminários, cursos e palestras oferecidos para alunos de outras instituições e da própria Feevale, e acaba compartilhando outros locais dentro do Campus para a realização destes. Foi sugerido ainda que a sala de exposição (Imagens 2.6 e 2.7) pudesse ser maior, em virtude da grande quantidade de peças do acervo que ficam guardadas pela falta de espaço para serem expostas.

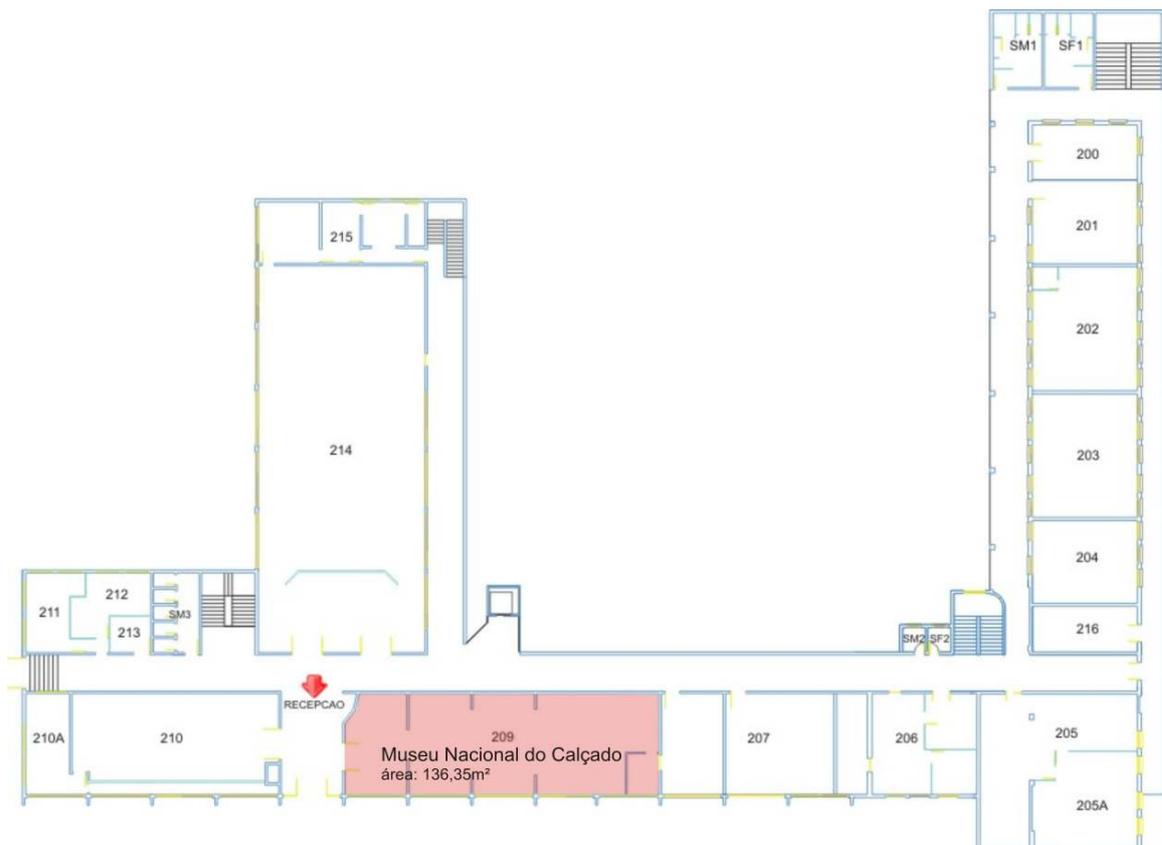


Imagem 2.6: Localização do MNC no 2º pavimento (adaptada de UNIVERSIDADE FEEVALE, 2010).



Imagem 2.7: Planta baixa do MNC (adaptada de UNIVERSIDADE FEEVALE, 2010).

A sala de exposição conta com uma área de 136,35m² (Imagens 2.8, 2.9, 2.10, 2.11, 2.12 e 2.13).



Imagem 2.8: Sala de exposição.



Imagem 2.9: Final da sala de exposição.



Imagem 2.10: Vista do museu a partir do hall de entrada.



Imagem 2.11: Modo de exposição do acervo.



Imagem 2.12: Sistema de expositor suspenso.



Imagem 2.13: Mesas centrais para exposição.

A ausência de salas para a parte administrativa também foi apontada como um problema, já que as pessoas que trabalham no museu ficam com suas mesas de trabalho no final da sala de exposição (Imagem 2.14), sem nenhum tipo de privacidade.



Imagem 2.14: Mesas de trabalho ao final da sala de exposição.

Outro ponto relevante apontado na entrevista foi quanto ao crescimento do acervo permanente do museu, segundo a entrevistada, é grande o número de doações por parte de fábricas, associações calçadistas, colecionadores e da comunidade em geral. Grande parte é fornecida por empresas do ramo, que doam coleções de estações passadas ao museu. Estas peças são todas catalogadas e guardadas no depósito (Imagens 2.15 e 2.16), para posterior exposição conforme a temática da exposição.



Imagem 2.15: Equipamento usado para controle e catalogação do acervo.



Imagem 2.16: Etiqueta usada para catalogação das peças do acervo.

A entrevista constatou ainda o bom nome do museu na área de pesquisa relativa ao tema, devido à visita de pesquisadores e designers de fora do estado que vem buscar informações para o desenvolvimento de seus trabalhos.

As exposições são organizadas de forma temática conforme um planejamento da coordenação do museu. As peças são selecionadas dentro do acervo disponível e são expostas de maneira didática, com informações referentes às peças (Imagens 2.17, 2.18 e 2.19). Periodicamente os calçados e demais objetos expostos são remanejados a fim de criar um sistema rotativo de exposição. As peças são expostas sobre prateleiras e mesas, sendo algumas delas protegidas por caixas de vidro (Imagens 2.20, 2.21 e 2.22).



Imagem 2.17: Informações colocadas juntas as peças expostas.



Imagem 2.18: Calçados raros expostos de forma temática.



Imagem 2.19: Etiqueta usada para identificação da peça do acervo.



Imagem 2.20: Chuteiras do ex-jogador de futebol Everaldo.



Imagem 2.21: Chuteiras do ex-jogador de futebol Falcão.

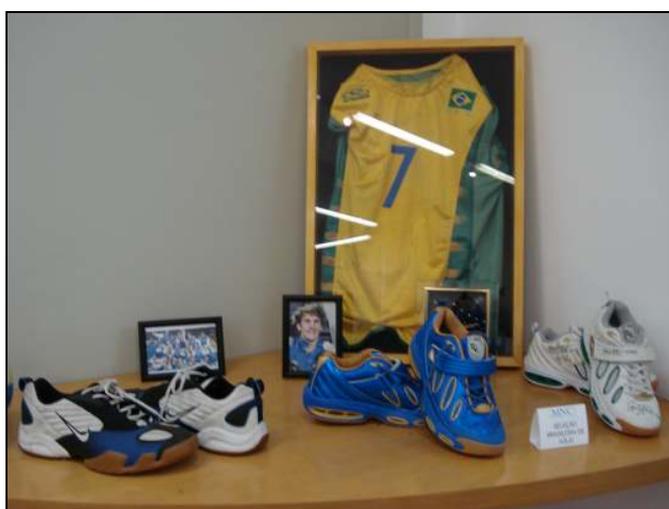


Imagem 2.22: Tênis e camiseta do jogador de vôlei André Heller.

Na última pergunta da entrevista foi questionado que na possibilidade de criação de um novo espaço que abrigasse o MNC, quais seriam os ambientes e os demais cuidados indispensáveis para o bom funcionamento do museu. A entrevistada respondeu que seria importante a criação de um auditório, um espaço administrativo e salas, que pudessem servir para oficinas e aulas que o museu realiza, além da ampliação da sala de exposição e depósito. Cuidados com melhor acessibilidade, iluminação e climatização dos ambientes também foram sugeridos na elaboração de um novo projeto.

A entrevista e visita realizada foram de grande importância para o estudo do tema, pois permitiu um contato direto à realidade apresentada atualmente pelo museu e quais são suas perspectivas futuras.

3. MUNICÍPIO

3.1 História

O início da colonização de Novo Hamburgo data do século XVIII, quando imigrantes açorianos se instalaram na parte noroeste da cidade no bairro hoje conhecido como Rincão dos Ilhéus. Em 25 de Julho de 1824 os imigrantes alemães começaram a chegar à colônia de São Leopoldo e logo desenvolveram uma próspera sociedade rural na região do Vale dos Sinos (NOSSA cidade, 2010).

Pouco depois começaram a aparecer pequenos núcleos urbanos nas colônias e uma delas ficava na área de Hamburger Berg, conhecido hoje como Hamburgo Velho, a partir de onde se origina a Novo Hamburgo atual. Um agrupamento de casas formou o primeiro núcleo de comércio da localidade. Surgiu por ser local de bifurcação de estradas e passagem obrigatória para a capital (Imagem 3.1). Foi essa posição geográfica que contribuiu para o desenvolvimento da região.

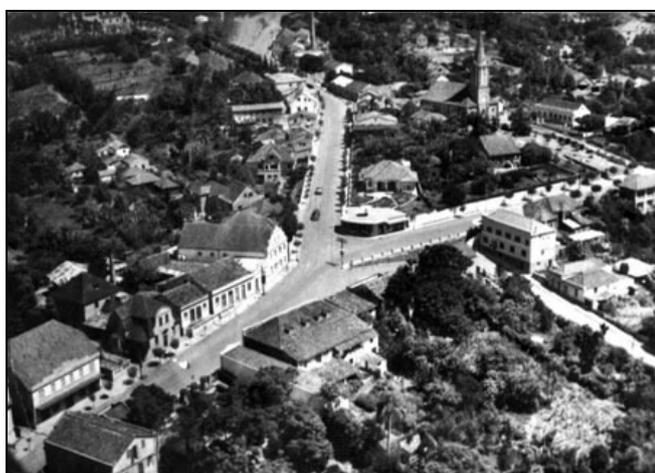


Imagem 3.1: Bifurcação de estradas em Hamburger Berg (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Logo, a localidade se transformou em um centro de comercialização de produtos da região. Anos depois, em 1832, os imigrantes estabelecidos em Hamburger Berg fundavam sua comunidade de culto evangélico (NOSSA cidade, 2010).

Por volta de 1850, apareceram os primeiros curtumes, as selarias e as oficinas dos sapateiros. Os colonos, com sua perícia no trabalho com o calçado, já eram responsáveis pelo abastecimento do estado gaúcho com seus produtos artesanais.

Em 1875, a Lei número 1.000, de 08 de maio, elevou Hamburger Berg à categoria de freguesia e distrito de São Leopoldo, uma vez que Novo Hamburgo não era independente do município vizinho (NOSSA cidade, 2010).

Em meados da década de 20, Novo Hamburgo era uma próspera vila de São Leopoldo. As indústrias coureiro-calçadistas já começavam uma intensa produção de peças, o comércio de expandia e os prestadores de serviços tinham muita atividade no perímetro desta vila. O movimento emancipacionista começou a se desenvolver no início dos anos 20 do século passado. A “Liga Pró Villamento”, formada em 1926 por várias importantes personalidades da cidade, foi recebida pelo governador do Estado e em 05 de abril de 1927 houve a emancipação do município (WIKIPÉDIA, 2010).

Tendo a cidade se emancipado de São Leopoldo, sua industrialização se acelerou, tornando-se um dos pólos econômicos do Vale dos Sinos. Por muito tempo a indústria foi praticamente formada apenas pela cadeia coureiro-calçadista, com várias empresas de destaque. Em 1929, Novo Hamburgo produziu 2.369.094 sapatos para crianças e adultos. O crescimento continuou e a economia da cidade tomava forma. Acredita-se que em 1961, foram confeccionados em torno de dez milhões de calçados no município (WIKIPÉDIA, 2010).

Novo Hamburgo se desenvolveu economicamente com a indústria do calçado. Este crescimento se deu de forma bastante rápida, o que levou o município a ser reconhecido como a Capital Nacional do Calçado. Esta característica logo foi incorporada pelas cidades vizinhas, dando início ao chamado setor coureiro-calçadista. Assim, Novo Hamburgo foi tomada por curtumes, indústrias químicas, componentes para calçados, indústrias metalúrgicas e de componentes eletrônicos.

O crescimento trazido pelo calçado atraiu inúmeros imigrantes, inchando a cidade a partir da década de 60 e originando a maior parte dos problemas sociais

dadas a incapacidade dos governantes de acomodar a todos adequadamente (WIKIPÉDIA, 2010).

Embora a crise dos anos 90 tenha estancado o crescimento populacional hamburguense, apareceram problemas graves na cidade como: favelização, transporte insuficiente e deficiências na infra-estrutura. A situação foi agravada com a concorrência chinesa nos mercados internacionais e, a partir do ano de 2003, pela valorização do real que levou ao fechamento de diversos curtumes e fábricas de calçados e demissão de milhares de pessoas.

3.2 Dados gerais

Os dados gerais sobre o município de Novo Hamburgo que serão relacionados tem como objetivo servir de diretrizes para o projeto do Museu Nacional do Calçado.

Localizado no Estado do Rio Grande do Sul (Imagem 3.2), o município de Novo Hamburgo está a 40 km de distância de Porto Alegre, capital do Estado. Possui uma localização privilegiada, estando no centro geográfico do Mercosul, um dos mais importantes mercados mundiais. Está distante 1.107 km de Buenos Aires, 930 km de Montevideu, 1.277 km de Assunção, 2.440 km de Santiago, 1.149 km de São Paulo e 1.593 km do Rio de Janeiro (NOSSA cidade, 2010).



Imagem 3.2: Mapa de localização da cidade de Novo Hamburgo (adaptada de WIKIPÉDIA, 2010).

ano é de 19 graus. O município está situado, em média, a 57 metros acima do nível do mar. Seu índice pluviométrico é de 1200 mm por ano (NOSSA cidade, 2010).

Novo Hamburgo integra a bacia hidrográfica do Rio dos Sinos. O município é dividido em quatro microbacias, formadas pelos arroios: Pampa, Cerquinha, Luiz Rau e Gauchinho. A bacia dos Sinos ocupa uma área de 4.328 quilômetros quadrados, abrangendo 28 municípios (NOSSA cidade, 2010).

Segundos dados da Prefeitura de Novo Hamburgo, a cidade é reconhecida hoje como o maior pólo comercial do Vale dos Sinos (Imagem 3.4), tendo uma atividade comercial com mais de 5.500 estabelecimentos. Possui destaque também para o setor de serviços, que hoje é uma das principais atividades econômicas do município, possuindo atualmente 7.700 estabelecimentos de empresas atuando nesta área.



Imagem 3.4: Imagem panorâmica atual de Novo Hamburgo (NOVOHAMBURGO.ORG, 2008).

Na cidade existem 94 escolas de ensino fundamental, entre instituições estaduais, municipais e particulares. No ensino médio, são 18 estabelecimentos, também nos três níveis. São 91 escolas de ensino pré-escolar e uma escola de ensino superior (NOSSA cidade, 2010).

Novo Hamburgo possui o tombamento federal da Casa Schmitt-Presser, tombada nos anos 80, e conta ainda com a solicitação de tombamento encaminhada em 2009 do Sítio histórico de Hamburgo Velho, que ainda aguardando aval do IPHAN⁴.

⁴ IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Estes dados comprovam a importância de Novo Hamburgo para o cenário comercial e cultural do Vale dos Sinos. O município se destaca como o maior representante econômico da região, capaz de abrigar diversos estabelecimentos comerciais e de serviço, além de muitas instituições pedagógicas e culturais, reforçando a intenção de implantar o MNC na cidade.

4. LOTE

4.1 Localização

O lote escolhido para a implantação da nova sede para o Museu Nacional do Calçado está localizado entre a Avenida Dr. Maurício Cardoso e a Rua Piratini, no bairro de Hamburgo Velho na cidade de Novo Hamburgo (Imagem 4.1).



Imagem 4.1: Localização do lote escolhido (adaptada de GOOGLE EARTH, 2010).

Hamburgo Velho é um bairro histórico de Novo Hamburgo, pois foi ele que deu origem à cidade, conservando parte de seu patrimônio histórico relativo à

imigração alemã. Nas ruas de Hamburgo Velho ocorre anualmente a Hamburgerberg Fest, que conta com música típica e apresentações de danças alemãs, entre outros atrativos (NOSSA cidade, 2010).

Segundo dados da Prefeitura de Novo Hamburgo, o bairro de Hamburgo Velho possui área de 1,3 km², e conta 2.003 habitantes e 1.002 residências. Tem como bairros limítrofes: Jardim Mauá, Canudos, São Jorge, São José, Vila Nova e Centro (Imagem 4.2).

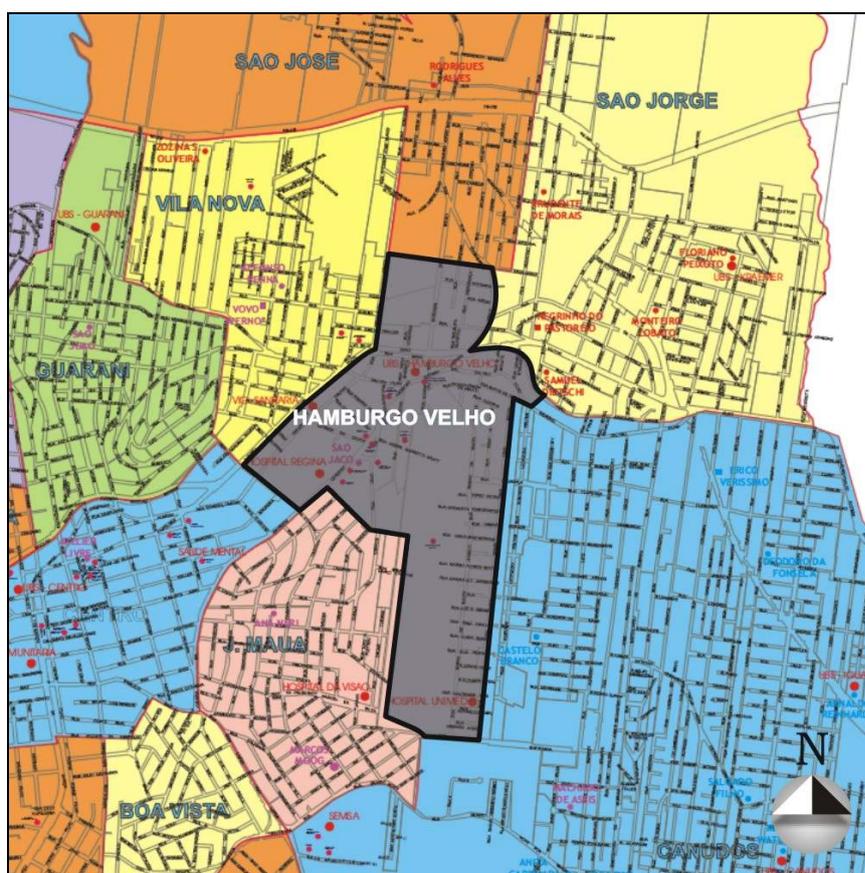


Imagem 4.2: Limítrofes de Hamburgo Velho (adaptada da PREFEITURA DE NH, 2010).

4.2 Levantamento topográfico

O lote escolhido possui uma área total de 4.253,53m². No lado oeste encontra-se com a Avenida Dr. Maurício Cardoso, com medida total de testada de 63,22m, e a leste com a Rua Piratini, em uma largura de 42,42m. Tem ainda ao lado sul o Supermercado Nacional, com medida de lote de 84,83m e a norte um edifício

residencial com sete pavimentos e uma residência unifamiliar, com extensão de 75,38m de comprimento (Imagem 4.3).



Imagem 4.3: Medidas do lote escolhido.

Conforme levantamento topográfico disponibilizado pela Prefeitura de Novo Hamburgo, o terreno possui um acentuado desnível de 11 metros que se inicia na Avenida Dr. Maurício Cardoso (Imagens 4.4, 4.5, 4.6 e 4.7).



Imagem 4.4: Topografia do lote escolhido.

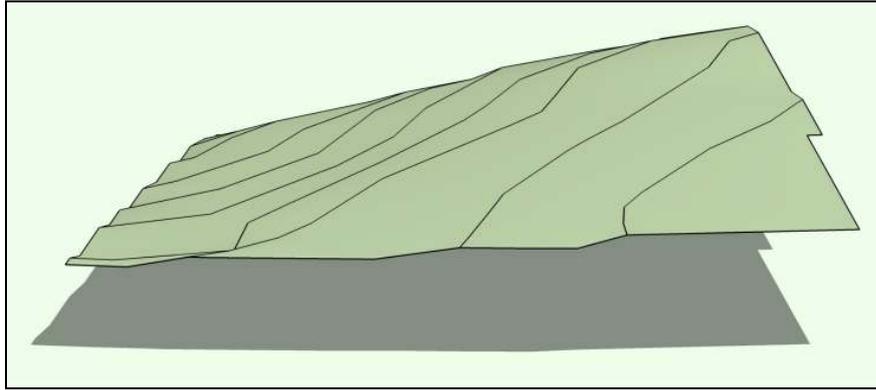


Imagem 4.5: Imagem tridimensional do lote a partir da Avenida Dr. Maurício Cardoso.

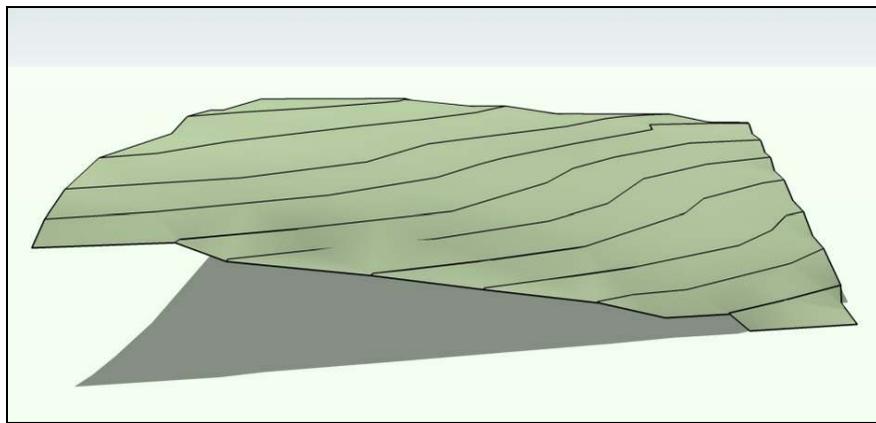


Imagem 4.6: Imagem tridimensional do lote a partir da Rua Piratini.



Imagem 4.7: Imagem aérea aproximada do lote (adaptada de GOOGLE EARTH, 2010).

Abaixo seguem imagens do lote feitas no levantamento fotográfico realizado em abril de 2010.



Imagem 4.8: Imagem panorâmica do lote a partir da Avenida Dr. Maurício Cardoso.



Imagem 4.9: Imagem panorâmica do lote a partir da Rua Piratini.



Imagem 4.10: Visual do lote a partir da Avenida Dr. Maurício Cardoso.



Imagem 4.11: Outdoors colocados na frente do terreno.



Imagem 4.12: Visual do lote a partir da Rua Piratini.

4.3 Fluxo viário e entorno

O fluxo viário de acesso imediato ao lote escolhido ocorre em sentido duplo (Imagem 4.13) através das vias Dr. Maurício Cardoso e Piratini. O principal acesso ao local se dá pela Avenida Dr. Maurício Cardoso, que é uma via de intensa movimentação e que conduz o circuito de veículos até o centro da cidade de Novo Hamburgo. Já a Rua Piratini possui baixo fluxo. É nela que ocorre o local de descarga do Supermercado Nacional, situado ao lado do lote escolhido.

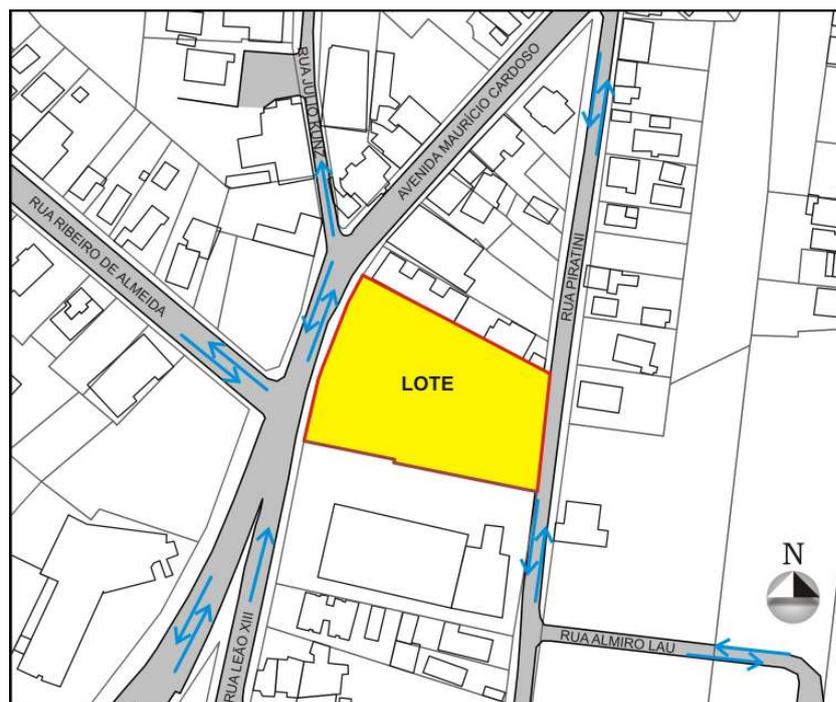


Imagem 4.13: Sentido das vias (adaptada da PREFEITURA NH, 2010).

Sobre as edificações existentes no entorno do lote escolhido destacam-se os prédios da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, em estilo neoclássico; o Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser, construído em técnica enxaimel, e tombado pelo patrimônio histórico; a Igreja Evangélica Luterana dos Reis Magos e a Igreja Nossa Senhora da Piedade, ambas restauradas e contando com belos vitrais.

Além dos prédios citados, encontram-se ainda, várias outras casas em estilo eclético, com características da imigração alemã, com frontão recortado e telhado com inclinação acentuada.

No bairro de Hamburgo Velho existem ainda dois cemitérios, o Luterano e o Católico, que contam com diversas lápides executadas no final do século XIX, esculpidas com detalhes góticos e com epitáfios em alemão. O bairro conta também com o Hospital Regina.

Abaixo seguem imagens do entorno feitas no levantamento fotográfico realizado em abril de 2010.



Imagem 4.14: Visual da Rua Piratini em seu ponto mais baixo.



Imagem 4.15: Rua Piratini na altura do Cemitério Evangélico.



Imagem 4.16: Visual da Rua André B. Graff na esquina com a Rua Piratini.



Imagem 4.17: Rua André B. Graff com visual para o Hotel Swan Tower.



Imagem 4.18: Ponto de encontro da Rua Leão XIII com a Avenida Dr. Maurício Cardoso.



Imagem 4.19: Visual da Avenida Dr. Maurício Cardoso.



Imagem 4.20: Supermercado Nacional situado ao lado do lote.



Imagem 4.21: Visual da Rua Ribeiro de Almeida.



Imagem 4.22: Visual da Avenida Dr. Maurício Cardoso para Rua Júlio Kunz.



Imagem 4.23: Visual da Rua Júlio Kunz.



Imagem 4.24: Visual da Avenida Dr. Maurício Cardoso para Rua General Daltro Filho.



Imagem 4.25: Encontro da Avenida Dr. Maurício Cardoso com a Rua General Daltro Filho.



Imagem 4.26: Prédios históricos do bairro Hamburgo Velho.



Imagem 4.27: Visual da Rua General Daltro Filho.

4.4 Orientação solar, clima e ventos dominantes

Segundo dados da Secretaria Municipal do Meio Ambiente - Estação Meteorológica de São Leopoldo (SERVIÇO DE METEOROLOGIA, 2010), o município de Novo Hamburgo possui uma temperatura média anual de 21°C e umidade relativa do ar de 75%. Os ventos dominantes que incidem na região são vindos da direção sudeste (Imagem 4.28).



Imagem 4.28: Esquema da incidência do clima sobre o lote (adaptada de GOOGLE EARTH, 2010).

Para a análise da insolação sobre o lote foram realizados estudos através da Carta Solar de Novo Hamburgo, com o objetivo de identificar os períodos de sombreamento e insolação em cada lado do terreno ao longo do ano (Imagens 4.29, 4.30, 4.31 e 4.32).

Fachada Leste

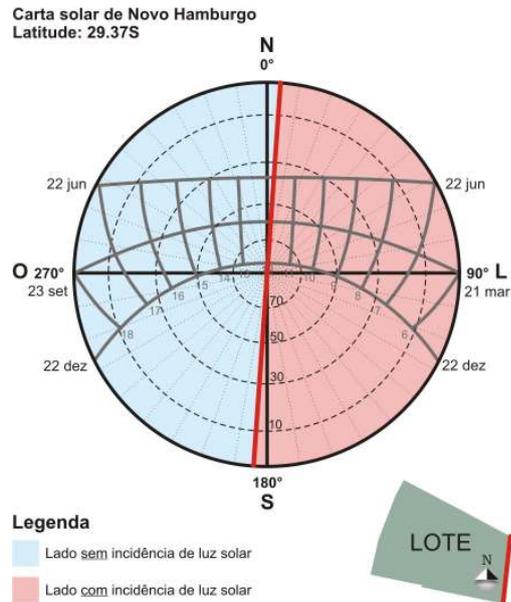


Imagem 4.29: Projeção estereográfica do percurso aparente do sol na fachada leste do lote.

- Fachada Leste (Rua Piratini): no verão há incidência de radiação solar no período do nascer-do-sol às 12h e no inverno do nascer-do-sol às 11h e 40min.

Fachada Oeste

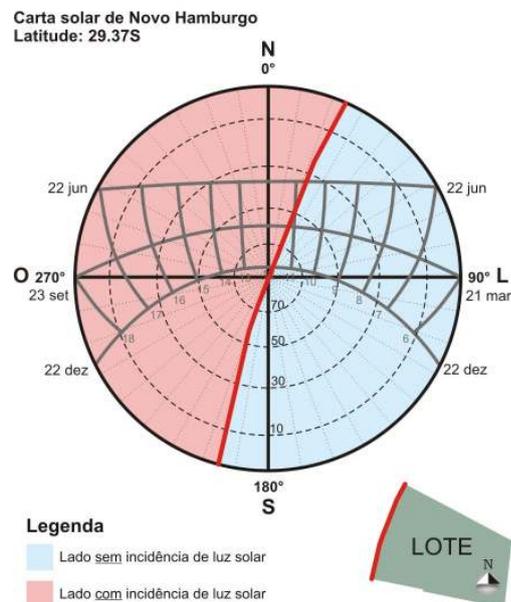


Imagem 4.30: Projeção estereográfica do percurso aparente do sol na fachada oeste do lote.

- Fachada Oeste (Avenida Dr. Maurício Cardoso): no verão há incidência de radiação solar no período das 12h ao pôr-do-sol e no inverno das 10h e 40min ao pôr-do-sol.

Fachada Norte

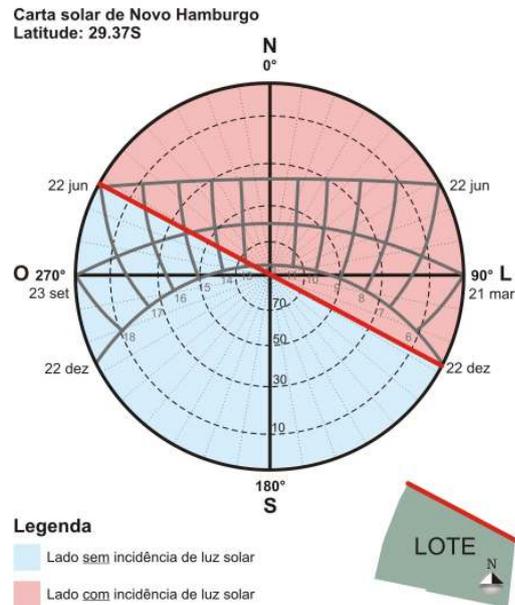


Imagem 4.31: Projeção estereográfica do percurso aparente do sol na fachada norte do lote.

- Fachada Norte: no verão há incidência de radiação solar no período do nascer-do-sol às 12h e 30min e no inverno nascer-do-sol às 16h e 50min.

Fachada Sul

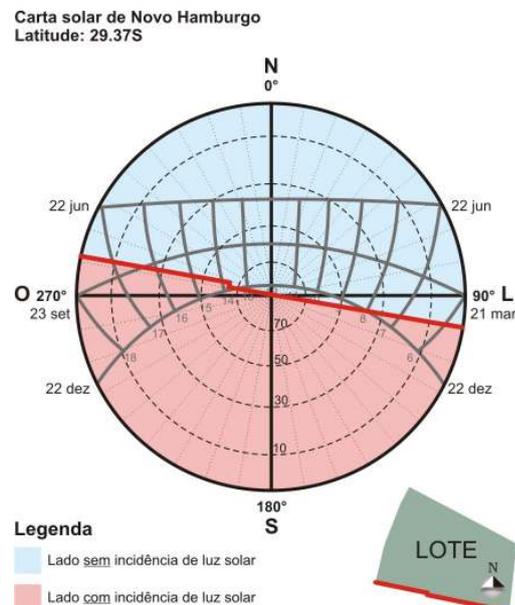


Imagem 4.32: Projeção estereográfica do percurso aparente do sol na fachada sul do lote.

- Fachada Sul (Supermercado Nacional): no verão há incidência de radiação solar no período do nascer-do-sol às 8h e das 13h e 30min ao pôr-do-sol e no inverno não há incidência de sol nesta fachada. O período no qual ela recebe

incidência da luz solar é do dia 28 de fevereiro a 30 de agosto. Durante o restante do ano esta fachada fica sombreada durante todo dia.

4.5 Regimes urbanísticos

De acordo com o PDDUA – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbanístico e Ambiental – Lei Municipal nº. 1.216/2004, de 20 de Dezembro de 2004, o lote em estudo se localiza no setor CHHV⁵ (Imagem 4.33) – Centro Histórico de Hamburgo Velho: setor com característica histórico-cultural, de ocupação e uso preferencial habitacional unifamiliar, com atividades compatíveis permitidas, apresentando necessidade de programa e projetos especiais. Encontra-se na Macrozona ZM – Zona Miscigenada.

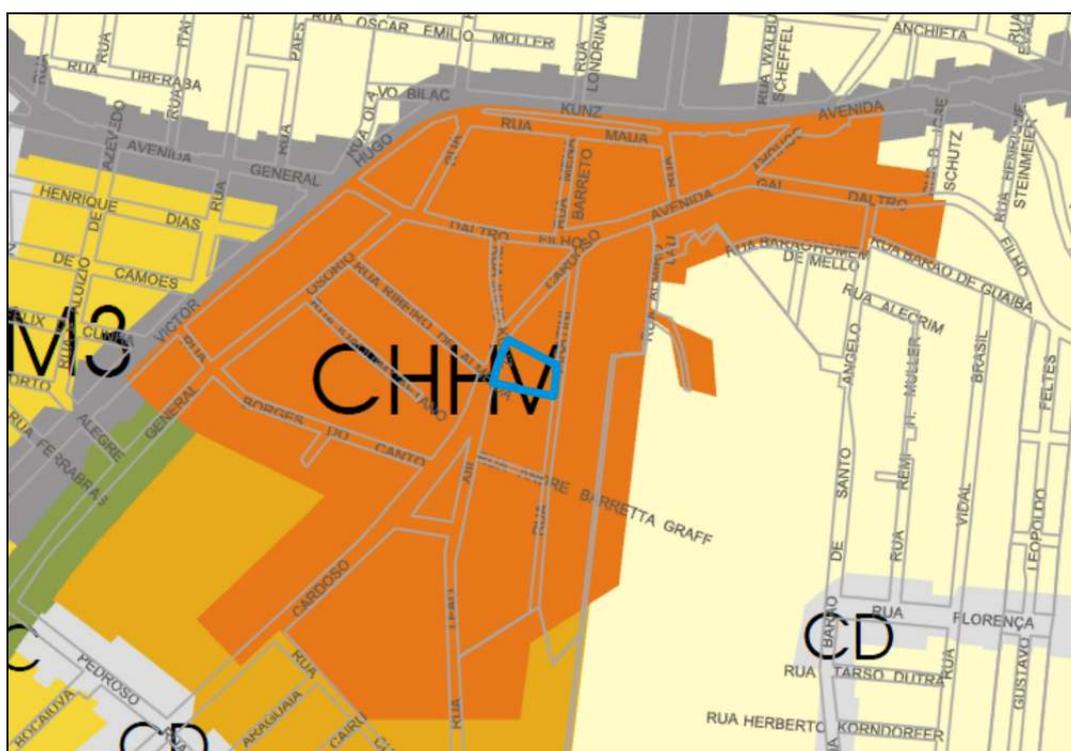


Imagem 4.33: Inserção do lote no Regime Urbanístico (adaptada de Plano Diretor de NH, 2010).

⁵ Polígono formado pelas seguintes linhas: Eixo da avenida Victor Hugo Kunz, linha quebrada entre a rua Engº Jorge Schury e José B. Schütz na direção geral sul e leste, eixo da rua José B. Schütz, eixo da rua Gal. Dalto Filho, linha quebrada de direção geral sul, eixos da rua Barão de Guaíba e rua Barão de Santo Ângelo, eixo e prolongamento da rua Barão Homem de Mello, linha quebrada de direção geral oeste, alinhamento oeste da rua Almiro Lau, linha quebrada de direções gerais sudeste, sul, oeste, norte e noroeste, prolongamento do alinhamento oeste da rua Almiro Lau, linha quebrada de direção geral sudoeste, eixo da rua Curupaiti, eixo da avenida Maurício Cardoso, linha quebrada nas direções gerais noroeste e sudeste até o ponto inicial no eixo da avenida Victor Hugo Kunz.

Ainda segundo o Plano Diretor de Novo Hamburgo, as edificações implantadas neste setor estarão sujeitas a análise e diretriz urbanística especial. O setor CHHV possui os seguintes índices (Tabela 1):

- TO - Taxa de ocupação = 50%;
- IA - Índice de aproveitamento = 1;
- Altura máxima = 13,45m;
- Recuo de ajardinamento = 0 (zero);
- Afastamentos laterais, fundos e frente = 0 (zero).

Tabela 01 - Regime Urbanístico (PLANO DIRETOR DE NOVO HAMBURGO, 2010).

TABELA 01 - REGIME URBANÍSTICO – ANEXO 01																					
Instituído pelo Art. 43																					
MAPA 03																					
Macrozoneamento		APA		ZM														ZAP	ZI		
Regime Urbanístico	Setores	APA Norte	APA Sul	APA LG	SM1	SM2	SM3	SCC	CHHV	CC	CCS	CTT	CTR	CD	SCLG	Passo do Peão	Wallahai	Passo dos Corvos	Rotermund	ZAP	ZI
		TO	%(máx)	10	5	5	75	75	75	75	50	50	75	75	75	75	50	50	30	50	30
IA	%(máx)	0,2	0,1	0,1	2	1	2,4	4	1	1	2,4	2,4	1	2,4	1	1	1	1	1	0,1	1
ALTURA (H)	m(máx)	7,95	7,95	7,95	-	13,35	-	-	13,35	13,35	-	-	-	-	13,35	13,35	13,35	13,35	13,35	-	-
RECUO DE AJARDINAMENTO	m(mín)	10	10	10	4	4	4	0	-	-	0	0	15	0	4	10	10	4	10	10	-
AFASTAMENTOS A=H/6 (mín)	Lateral	S	S	S	S	S	S	CE	-	-	S	S	S	S	-	S	S	S	S	N	S
	Fundos	S	S	S	S	S	S	CE	-	-	S	S	S	S	-	S	S	S	S	N	S
	Frente	S	S	S	S	S	S	N	-	-	S	S	S	S	-	S	S	S	S	N	S
OBSERVAÇÕES		2	2	2	2/5/6	2/5	2/5	1/7	3	3	1/5	1/5	2/4/5	1/5	2	2	2	2	2	-	1/5/6
<p>OBSERVAÇÕES S com afastamento obrigatório A=H/6 N sem afastamento obrigatório CE segundo o código de edificações</p> <p>1 Nas divisas laterais, de fundos e no alinhamento a altura máxima permitida é de 7,95m no ponto de divisa de cota mais alta e de 13,35m em qualquer ponto ao longo das divisas do terreno;</p> <p>2 Nas divisas laterais e de fundos a altura máxima permitida é de 7,95m no ponto de divisa de cota mais alta e de 13,35m em qualquer ponto ao longo das divisas do terreno;</p> <p>3 Análise e Diretriz Urbanística Especial;</p> <p>4 Recuo de jardim correspondente à faixa não edificável, além da faixa de domínio da rodovia.</p> <p>5 Permitido afastamento mínimo de 3,00m para duas fachadas, sendo o comprimento máximo da soma destas fachadas de 50% de uma das divisas do lote paralela à(s) fachada(s) correspondente(s);</p> <p>6 Verificar art. 46 que apresenta condição especial para recuos de ajardinamento em lotes de esquina com testada menor que 10 m;</p> <p>7 Verificar art. 45 sobre acréscimo no índice para edificações destinadas a uso comercial e de prestação de serviços.</p>																					

A partir dos valores determinados pelo PDDUA, foram obtidos os seguintes valores para o lote em estudo:

- Área do lote = 4.253,53m²
- TO - Taxa de ocupação (50%) = 2.126,76m²
- IA - Índice de aproveitamento (1) = 4.253,53m²
- Altura máxima = 13,45m;

- Recuo de ajardinamento = zero;
- Afastamentos laterais, fundos e frente = zero.

Além do Plano Diretor, a edificação deverá atender também os aspectos do Código de Obras, Lei Complementar nº. 608/2001, de 5 de novembro de 2005.

4.6 Justificativa da escolha

A escolha do lote para a implantação da nova sede do Museu Nacional do Calçado levou em consideração principalmente o caráter histórico da localidade de Hamburgo Velho. Recentemente foi criado um "Roteiro por Hamburgo Velho", atração turística de cunho cultural. Entre os pontos de visita são: a Biblioteca Pública Municipal, dois museus, duas igrejas, cemitérios históricos e o Monumento ao Imigrante. Com isso, o MNC poderia entrar nesta rota turística de Hamburgo Velho, tirando partido do apelo cultural do bairro.

O fácil acesso proporcionado pela Avenida Dr. Maurício Cardoso e o baixo fluxo de veículos da Rua Piratini, que pode servir de local de carga e descarga para materiais do museu, é outro ponto positivo encontrado para o lote.

Além disso, a localização viária estratégica do terreno, com a proximidade do Campus I da Universidade Feevale, responsável pela administração do museu, também influenciou na escolha.

5. PROJETOS REFERENCIAIS E ANÁLOGOS

Para a composição do Museu Nacional do Calçado foram pesquisados outros projetos referenciais e análogos que servissem de parâmetro arquitetônico, verificando a tomada de determinadas decisões que nortearam o desenvolvimento destas obras.

Nestas análises foram verificadas a inserção urbana, a volumetria, o programa de necessidades adotado, as áreas destinadas para cada ambiente proposto, os materiais e técnicas construtivas empregadas, as soluções de fachada e as preocupações com o conforto ambiental das edificações abordadas.

5.1 PROJETOS REFERENCIAIS

5.1.1 Museu de Arte de São Paulo - MASP

O Museu de Arte de São Paulo foi inaugurado em 02 de outubro de 1947 por Assis Chateaubriand. Na gestão de Adhemar de Barros na Prefeitura de São Paulo, foram harmonizados os interesses do poder público municipal e os do MASP. Assim foi negociada a construção do edifício que hoje abriga o museu (BARDI, 1992).

A escolha referencial deste projeto se deve pela representatividade da edificação como ícone de arquitetura para a cidade de São Paulo, além da abrangência dada pela instituição para o ensino, através de um caráter didático da forma como as obras são expostas, e a complexidade de seu programa de

necessidades. A volumetria única do museu faz com que sua relação com a paisagem seja harmoniosa, permitindo uma grande visual para a cidade através da praça seca, localizada logo abaixo do volume suspenso.

Construído entre 1956 e 1968, a atual sede do museu foi inaugurada em 07 de novembro de 1968. A arquiteta responsável pelo projeto foi Lina Bo Bardi, esposa de Pietro Maria Bardi. Ocupando uma área total de 3.425m² (Imagem 5.1), ele possui o mais importante acervo do hemisfério sul (BARDI, 1992).



Imagem 5.1: Museu de Arte de São Paulo - MASP (BARDI, 1992).

O museu foi criado para ser um espaço dinâmico, com um perfil de centro cultural. O MASP mantém: pinacoteca, biblioteca, fototeca, filmoteca, videoteca, cursos de artes e serviço educativo de apoio às exposições, exibição de filmes e concertos musicais de interesse artístico e cultural (BARDI, 1992).

O terreno apresenta um desnível de 13 metros, sendo isolado por vias perimetrais (Imagem 5.2). A arquiteta projetou uma estrutura completamente livre, cuja base de cobertura forma uma praça artificial, destinada também a exposições, representações e concertos ao ar livre. Ela divide o edifício em duas partes: a inferior, situada abaixo do nível da Avenida Paulista, e a superior. O corpo principal pousado sobre quatro pilares laterais tem um vão livre de 74 metros.

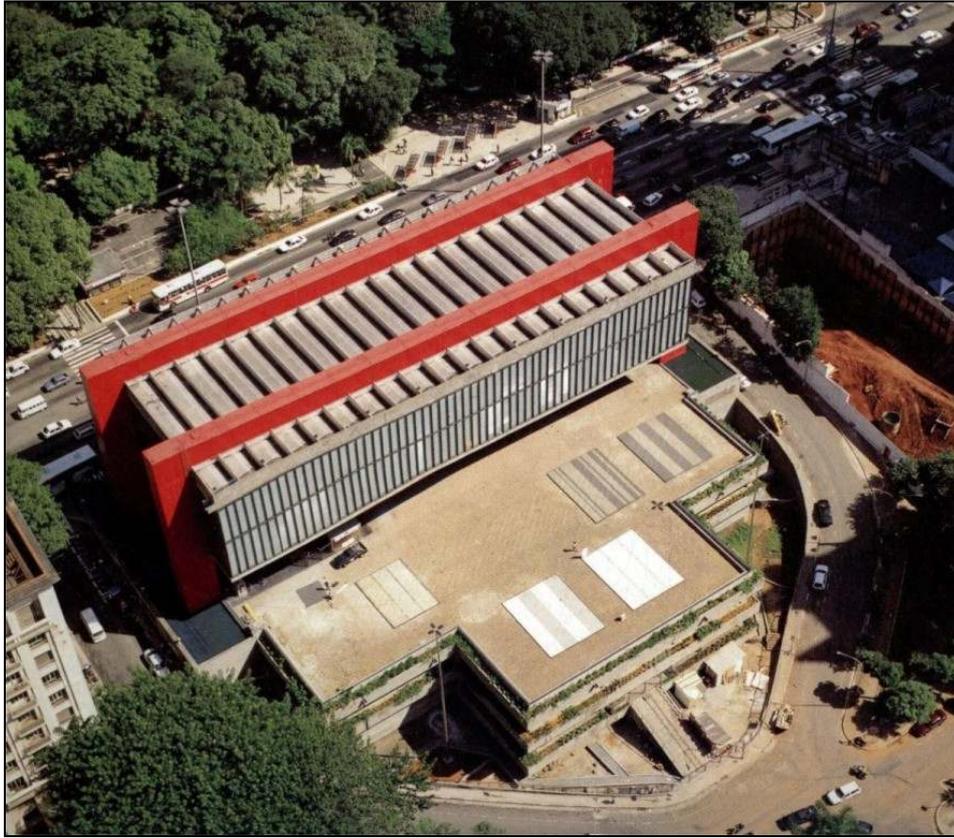


Imagem 5.2: Desnível entre as duas perimetrais (BARDI, 1992).

Na parte inferior situam-se o auditório e o teatro, respectivamente de 100 e 500 lugares, para: cursos, congressos, conferências, concertos, desfiles de moda, espetáculos teatrais e experimentais (Imagens 5.3 e 5.4). O restante da área abriga o hall cívico (Imagem 5.5) utilizado para grandes exposições e manifestações, além de: depósitos, estúdio, laboratório fotográfico, serviços variados e outras instalações.

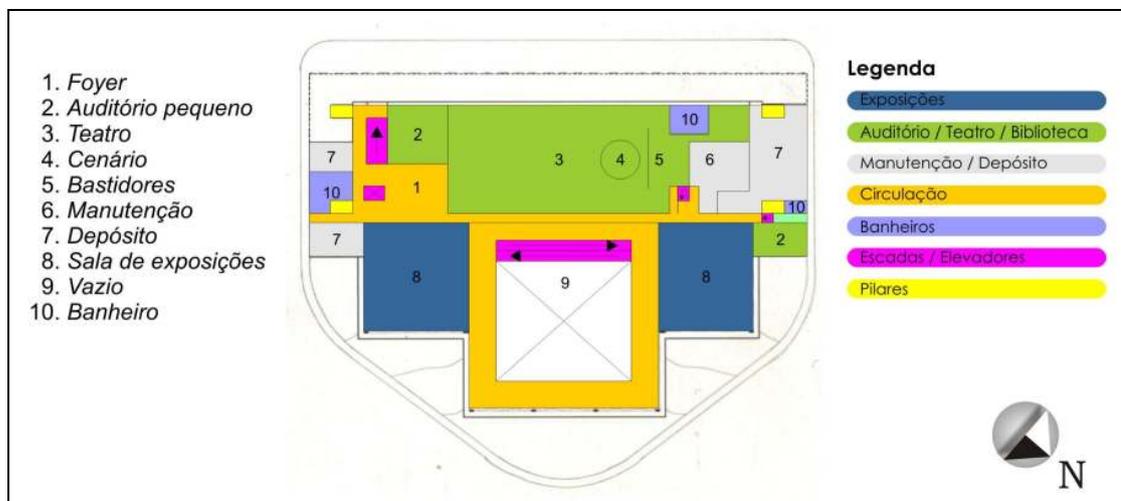


Imagem 5.3: Planta baixa do 1° nível de subsolo (adaptada de BARDI, 1992).

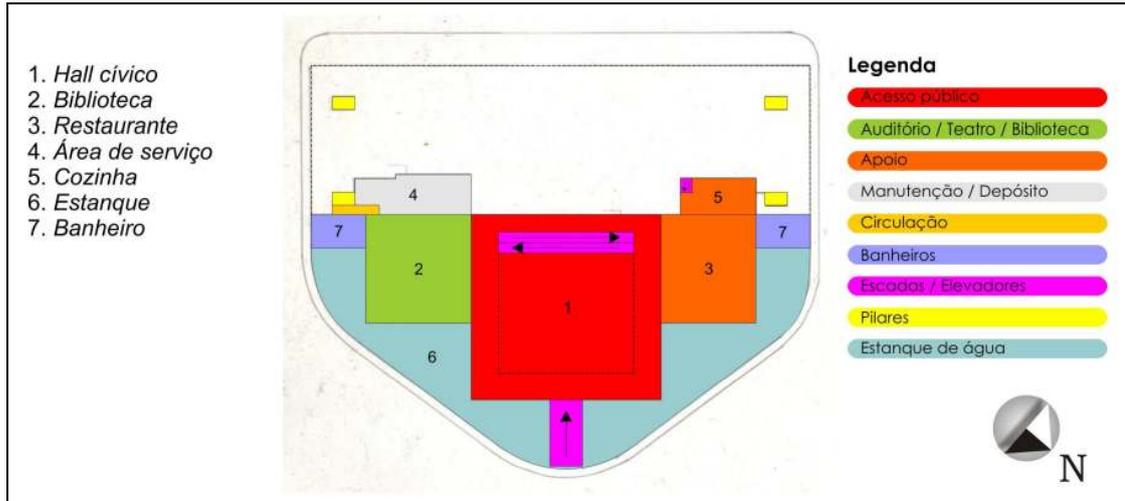


Imagem 5.4: Planta baixa do 2º nível de subsolo (adaptada de BARDI, 1992).



Imagem 5.5: Hall cívico para exposições e manifestações (BARDI, 1992).

A parte visível do edifício conta com dois pavimentos e a cobertura, com área de 2.200m². As lajes com 5 metros de balanços laterais, apóiam-se apenas em quatro pilares vazados com dimensões de 4 por 2,5 metros (Imagem 5.6).

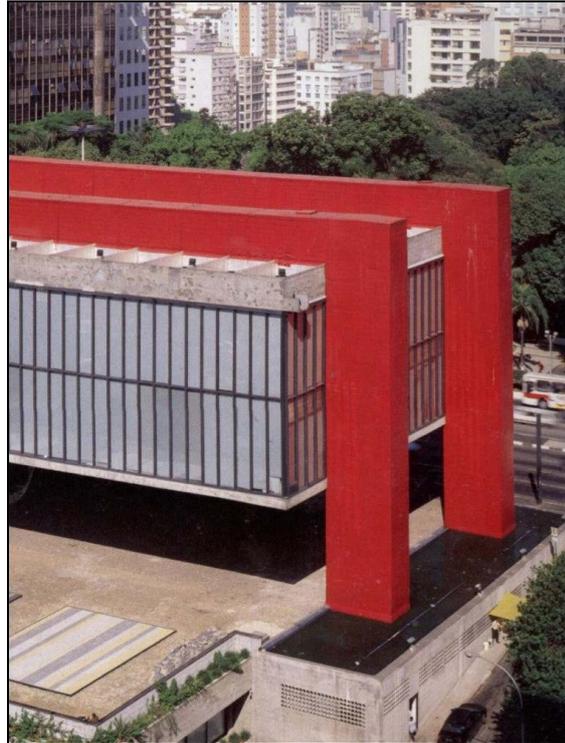


Imagem 5.6: Pilares que suspendem o volume (BARDI, 1992).

O primeiro andar (Imagem 5.7) é composto por um hall, onde funciona um balcão de venda de livros e revistas de arte, e pelo qual se tem acesso à sala de exposições temporárias, com 630m². Esta sala é flanqueada por dois corredores, sob as vigas que sustentam o andar, e por eles se atingem as salas de trabalho técnico e administrativo, sendo eles: diretoria, administração, conservação, planejamento de exposições, acervo, fototeca, discoteca, departamento de cinema, música e cursos.

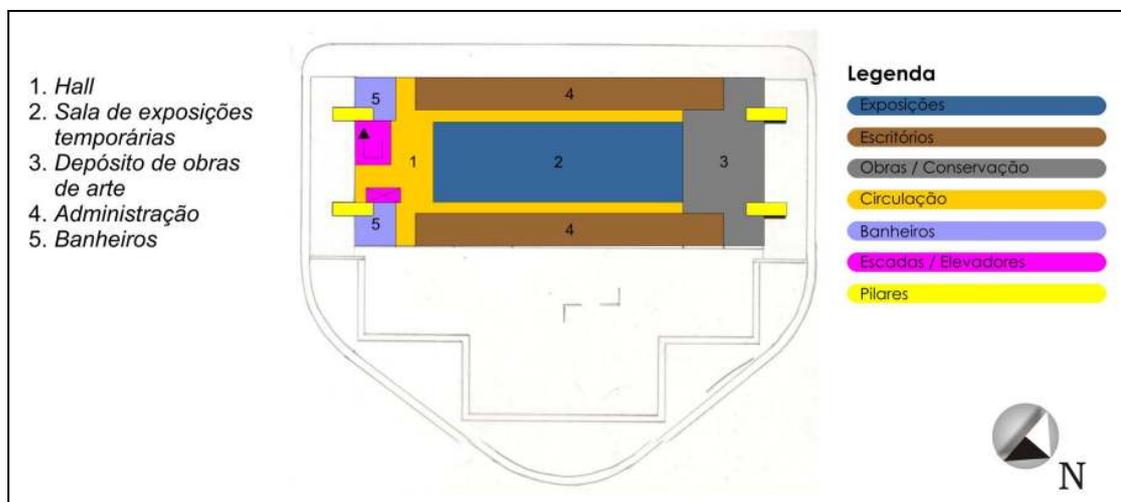


Imagem 5.7: Planta baixa do 1º andar (adaptada de BARDI, 1992).

O segundo andar (Imagem 5.8) abriga apenas a pinacoteca, sendo iluminada com luz natural de forma indireta durante o dia, e à noite com lâmpadas de iodo, colocadas lateralmente de modo a refletirem no teto. Ela foi organizada de modo moderno, contemporâneo e inédito no Brasil, caracterizada por painéis totalmente móveis, vitrines e sistema de iluminação distribuído de forma a proporcionar não só exposições rotativas do acervo com melhores visuais para o visitante como também, condições adequadas para o exercício de atividades de ensino e atendimento de grupos monitorados, prioridades estas que ensejam um novo dinamismo na atuação didática do museu (BARDI, 1992).

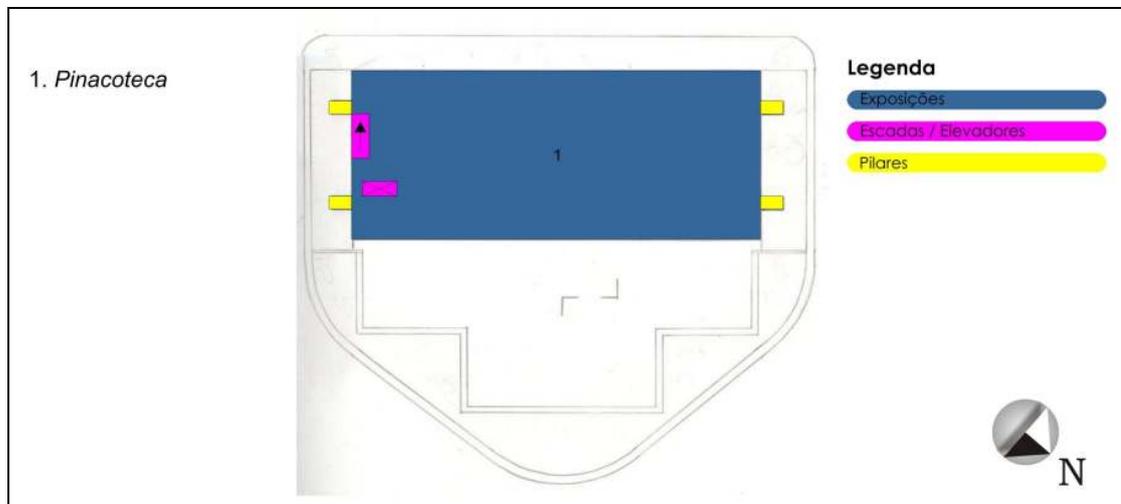


Imagem 5.8: Planta baixa do 2º andar (adaptada de BARDI, 1992).

Os pavimentos são suspensos pelas duas vigas, que vencem o vão de 74 metros, com uma laje em concreto armado com 50 cm de altura, enquanto que a do pavimento superior, apresenta uma laje de 4 cm apoiada sobre diversas nervuras (Imagem 5.9).

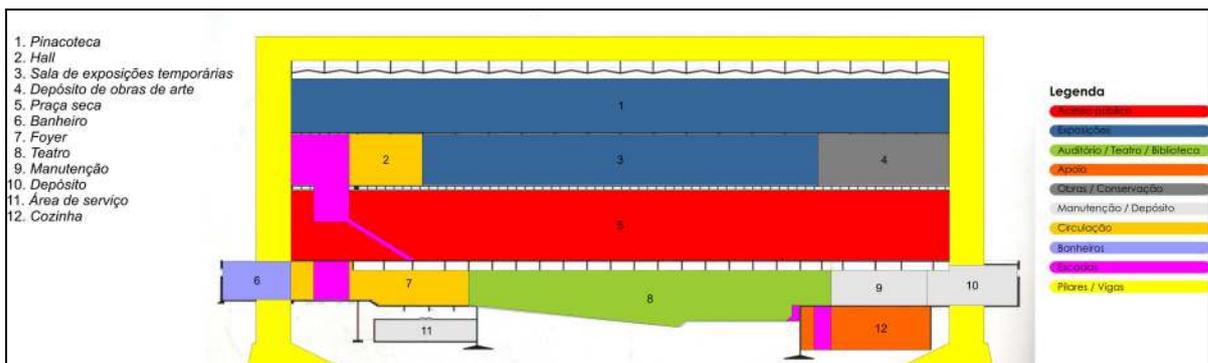


Imagem 5.9: Corte longitudinal (adaptada de BARDI, 1992).

Ligando todos os pavimentos há um elevador de aço com capacidade para 36 pessoas, cuja estrutura fica à vista, protegida por uma caixa de vidro temperado (Imagem 5.10).



Imagem 5.10: Praça seca com acesso ao elevador (BARDI, 1992).

As fachadas do MASP revelam a tendência modernista de arquiteta, com uma grande caixa de vidro suspensa um apenas quatro volumosos pilares que apresentam um caráter de pórtico para a estrutura. As esquadrias dos vidros são moduladas em todas as fachadas, formando na altura duas linhas envidraçadas, uma para cada pavimento suspenso (Imagem 5.11).



Imagem 5.11: fachada envidraçada de maneira modular (BARDI, 1992).

As paredes das salas de trabalho, ao longo dos corredores, são de vidro, o que enfatiza o senso do espaço e comodidade do ambiente (Imagem 5.12). As salas, por sua vez, são divididas por paredes móveis. O acabamento em sentido tradicional foi eliminado em todo o edifício, nem o concreto armado recebeu tratamento especial (Imagens 5.13 e 5.14). Todas as instalações técnicas encontram-se em evidência.



Imagem 5.12: Corredores com acesso as salas de apoio (BARDI, 1992).



Imagem 5.13: Teatro com capacidade para 500 pessoas (BARDI, 1992).

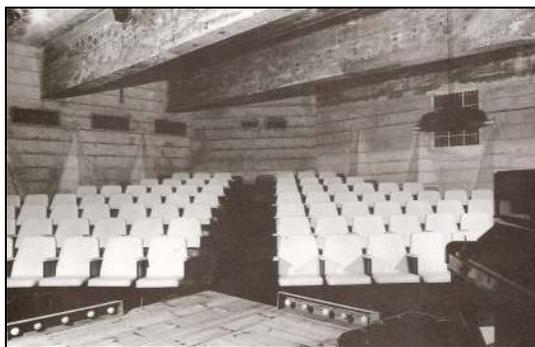


Imagem 5.14: Auditório com capacidade para 100 pessoas (BARDI, 1992).

O MASP foi inaugurado em 1968 com seu desafiador volume nas cores naturais dos materiais empregados: concreto e vidro, mas somente em 1990 que a estrutura em pórtico foi pintada na cor vermelha já prevista no projeto original, mas não executada em função de motivos políticos impostos pela ditadura militar. Não há dúvidas que a colorização da edificação trouxe toda a força contida no projeto original e modificou a percepção do edifício pelo público (BARDI, 1992).

5.1.2 Museu de Arte Latino Americana de Buenos Aires - MALBA

O Museu de Arte Latino-americano de Buenos Aires (MALBA) na Argentina é um espaço destinado à coleção, conservação, estudo e difusão da arte latino-americana desde princípios do século XX até a atualidade.

Abriga em seu interior a coleção de Eduardo F. Costantini, presidente da fundação que leva seu nome que fundou e mantém o espaço dedicado as artes. É uma instituição privada sem fins lucrativos que conserva e exhibe um conjunto de mais de duzentas obras dos principais artistas latino-americanos, da modernidade até a época contemporânea. O prédio do Malba (Imagem 5.15) foi projetado em 1997 pelos jovens arquitetos argentinos Gastón Alemán, Martín Fourcade e Alfredo Tapia (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).



Imagem 5.15: Museu de Arte Latino Americana - MALBA (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

A escolha deste projeto para estudo de caso justifica-se pela inserção da obra no local implantado, que estabelece uma excelente relação com o entorno. O edifício explora também muito a iluminação natural, inclusive nas salas de exposições. Sua organização espacial está muito bem resolvida, apresentando uma fácil identificação e relação entre os ambientes (Imagens 5.16, 5.17 e 5.18), além de sua forma apresentar um interessante um jogo volumétrico.

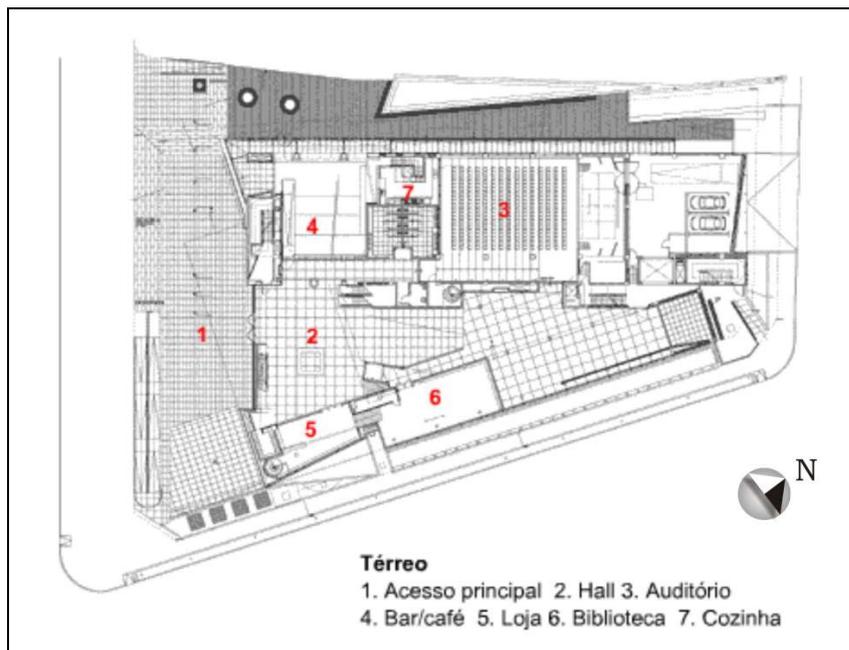


Imagem 5.16: Planta baixa de térreo (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

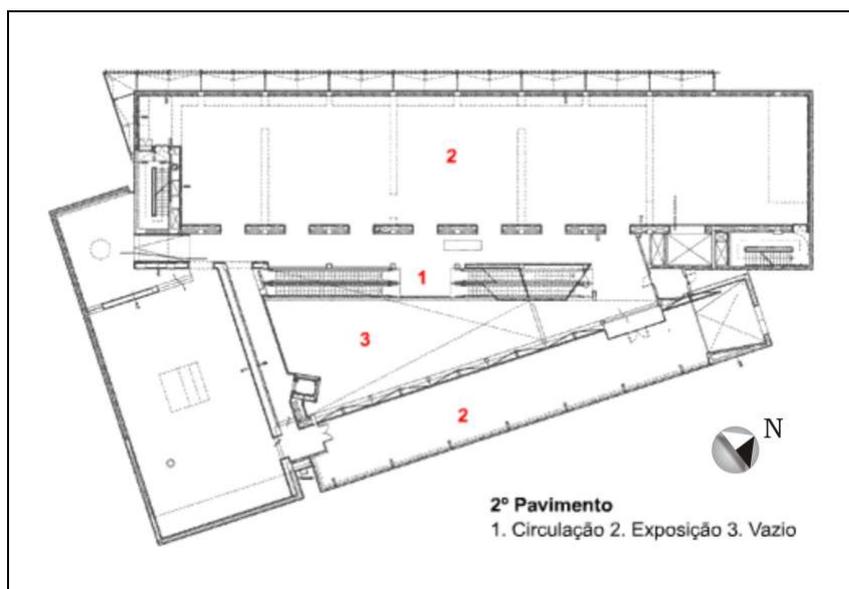


Imagem 5.17: Planta baixa do segundo pavimento (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

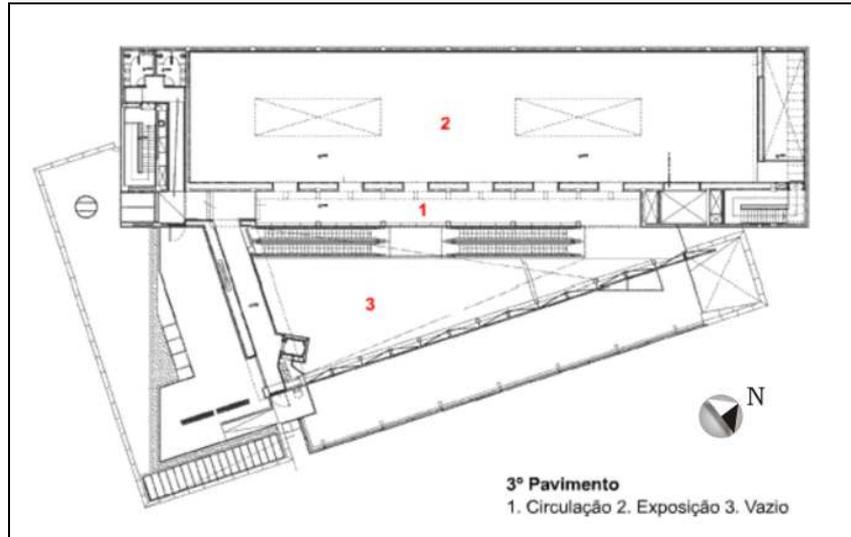


Imagem 5.18: Planta baixa do terceiro pavimento (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

O Malba funciona como um espaço cultural dinâmico onde são realizados encontros com escritores, ciclos de cinema, seminários, cursos, oficinas, simpósios, visitas guiadas, programas educativos e de extensão cultural. O museu dispõe de um cinema de arte, um restaurante e uma grande loja, que vende objetos e acessórios de designers locais.

Segundo Castiglione e Sarzabal (2002), o edifício tem arquitetura simples e atemporal. O desenho priorizou os espaços interiores, o que resultou na volumetria revestida com pedra natural, de onde se destacam apenas os panos de vidro de alta tecnologia.

O destaque interno é o grande átrio (Imagem 5.19), com 20 metros de altura, que abriga as circulações, escadas e elevador.

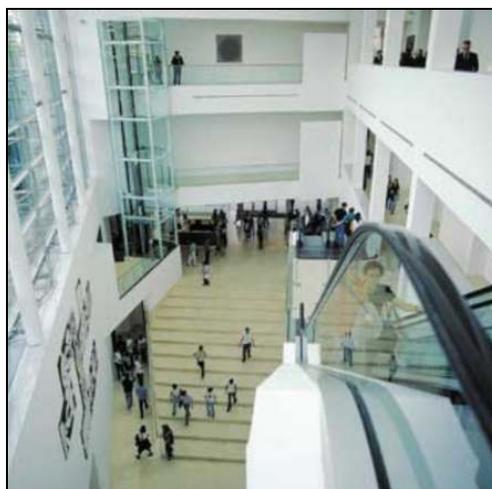


Imagem 5.19: Átrio com a circulação vertical (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

Os salões de exposições principais (Imagem 5.20) podem ser compartimentados em diversas galerias e adequados para os diversos formatos exigidos pela exibição da coleção permanente e exposições temporárias. Eles são concebidos como uma arquitetura sem distrações visuais, caixas brancas que permitem que a luz natural seja filtrada e gere um âmbito adequado de apreciação das obras de arte (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).



Imagem 5.20: Sala de exposição compartimentada (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

Outra estratégia adotada são os planos envidraçados que delimitam espaços públicos externos que abrigam atividades complementares, como por exemplo, um jardim externo de esculturas (Imagem 5.21), proporcionando uma interação com o ambiente interno.



Imagem 5.21: Jardim externo de esculturas (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

Ambientes amplos com pé-direito elevado são concebidos. Neles, por vezes, é utilizada a iluminação zenital (Imagem 5.22), fazendo com que se tenha maior aproveitamento da luz natural.



Imagem 5.22: Ambiente com iluminação zenital (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

O projeto conta ainda com uma biblioteca (Imagem 5.23), um bar-café (Imagem 5.24) e um auditório com capacidade para 300 pessoas (Imagem 5.25), que se abre para o grande espaço verde da praça, integrando-se a ela por meio de um deque de madeira.



Imagem 5.23: Biblioteca (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).



Imagem 5.24: Bar-café (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).



Imagem 5.25: Auditório com capacidade de 300 pessoas (CASTIGLIONE e SARZABAL, 2002).

5.1.3 Museu de Arte de Grand Rapids

O Museu de Arte de Grand Rapids ocupa um quarteirão inteiro no centro da cidade homônima (Imagem 5.26), localizada no estado de Michigan nos Estados Unidos. A cidade de Grand Rapids é conhecida por seu legado e influência do comércio, artesanato e design moderno. O projeto para o museu foi realizado em 2004 e a obra foi concluída em 2007 (BASULTO, 2009).



Imagem 5.26: Museu de Arte de Grand Rapids, Michigan (BASULTO, 2009).

Optou-se pelo estudo deste projeto pela interessante composição formal do prédio, que utiliza linhas geométricas puras. Nota-se também a preocupação com a correta iluminação dos ambientes, a fim de gerar espaços agradáveis para a apreciação das obras de arte. O modo que a obra relaciona os espaços internos com o entorno, através de grandes áreas envidraçadas, também é um ponto positivo no resultado final.

O museu ocupa uma área de 4.600m², contando com mais de 11.600m² para galerias e espaços de exposição, divididos em três pavimentos (Imagens 5.27, 5.28 e 5.29). O projeto se estende tanto na necessidade simbólica de um museu ser um ícone dentro da cidade, quanto atender a uma necessidade humana de pessoas a experimentar a arte por si. O programa de necessidades contempla: hall de entrada, auditório, café, loja, atelier de manutenção e conservação, depósitos, além de diversas galerias de arte com temas específicos de exposições (BASULTO, 2009).

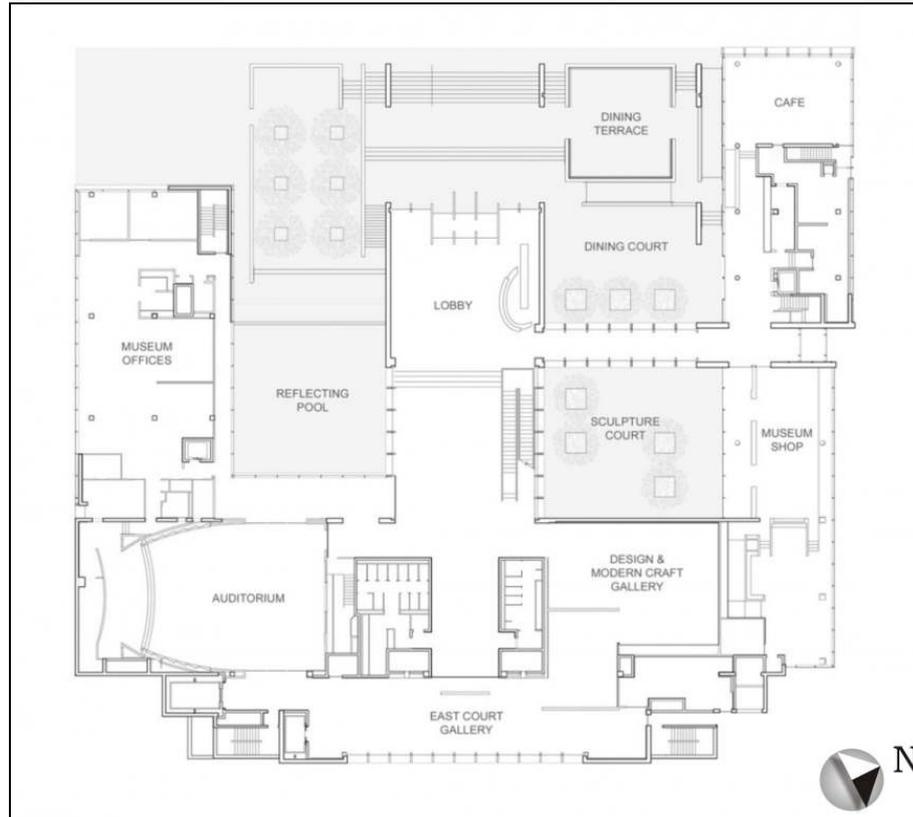


Imagem 5.27: Planta baixa de térreo (BASULTO, 2009).

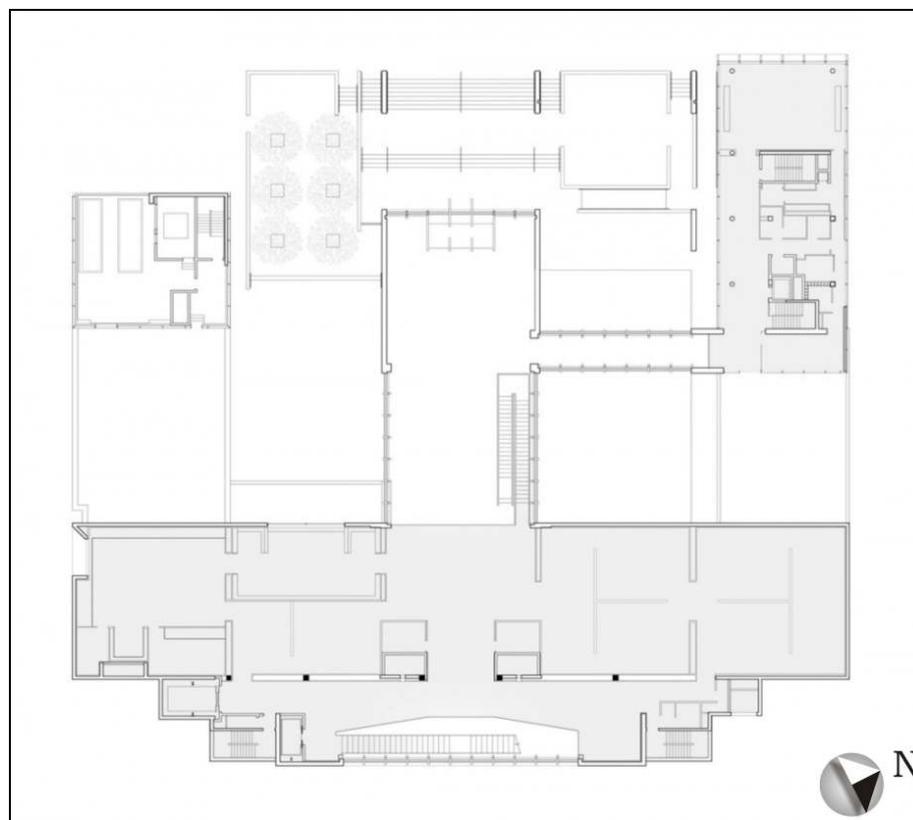


Imagem 5.28: Planta baixa do segundo pavimento (BASULTO, 2009).

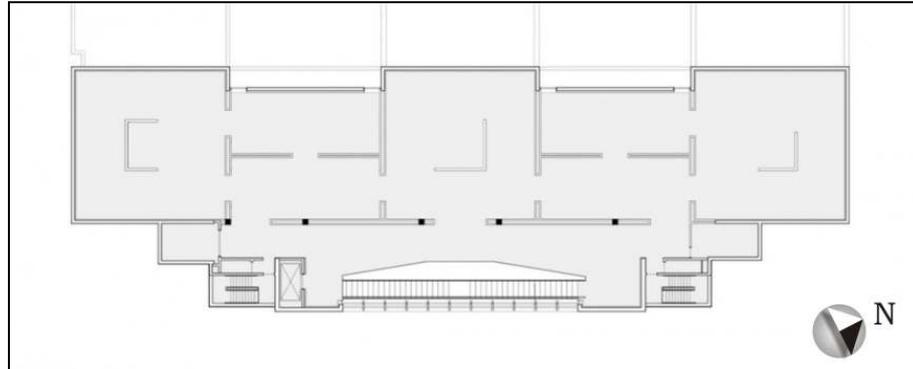


Imagem 5.29: Planta baixa do terceiro pavimento (BASULTO, 2009).

O desenho arquitetônico do Museu de Arte de Grand Rapids enfatiza o importante equilíbrio entre o exterior e calma interior (Imagem 5.30), a necessidade de conectar pessoas e sua necessidade de mergulhar nas exposições (BASULTO, 2009).



Imagem 5.30: Conexão visual entre o ambiente externo e interno (BASULTO, 2009).

O hall de entrada conta com uma imponente cobertura, gerando um espaço para o encontro de pessoas (Imagem 5.31). A composição geométrica da fachada é caracterizada pelo uso de linhas retas e mesclando o revestimento em pedra e vidro (Imagem 5.32).



Imagem 5.31: Grande marquise que marca o hall de entrada (BASULTO, 2009).

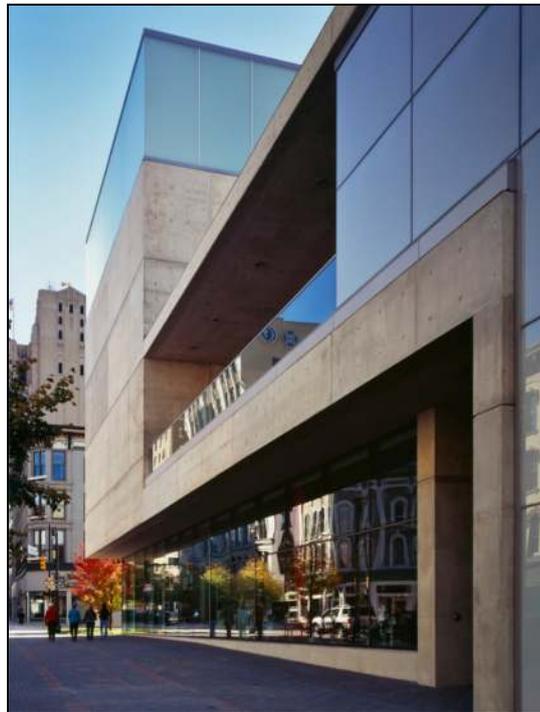


Imagem 5.32: Composição geométrica da fachada (BASULTO, 2009).

A importância dada ao uso da luz natural nos ambientes de exposições foi agraciada com a certificação “Leed Ouro”, sendo este o primeiro museu nos Estados Unidos a receber a honraria. A maioria dos espaços públicos do museu tem uso da iluminação natural (Imagens 5.33 e 5.34), sendo cuidadosamente projetada afim de não prejudicar as obras expostas. O prédio possui eixos de circulação através de grandes janelas que se conectam com o ambiente urbano (BASULTO, 2009).



Imagem 5.33: Iluminação zenital para galeria de exposição (BASULTO, 2009).

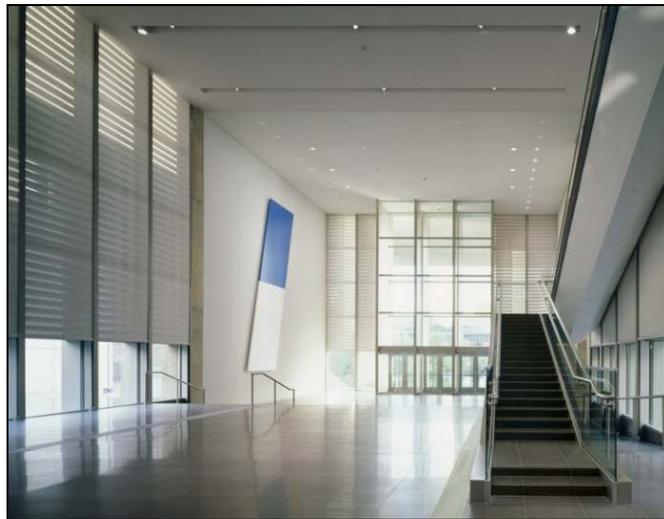


Imagem 5.34: Espaço de circulação com grande rasgo de vidro (BASULTO, 2009).

5.1.4 Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela

O Centro Galego de Arte Contemporânea (CGAC) é um museu com sede em Santiago de Compostela na Espanha, que tem como objetivo manter a cultura na região através da exibição, pesquisa das tendências e correntes da criação artística contemporânea.

O prédio que abriga o centro foi projetado pelo arquiteto português Álvaro Siza Vieira. A construção durou de 1988 até 1993, ano em que foi inaugurado. Sua coleção de arte contemporânea foi formada através de fundos da Junta da Galiza e por doações (WIKIPÉDIA, 2010).

O edifício está localizado na periferia do centro histórico de Santiago de Compostela, uma área afetada nos tempos modernos por pesadas intervenções

urbanas. Compartilha vizinhança com a Igreja de São Domingos de Bonaval, onde se encontra o Panteão de Galegos Ilustres e o Museu do Povo Galego (Imagem 5.35) (WIKIPÉDIA, 2010).



Imagem 5.35: Centro Galego de Arte Contemporânea (GOOGLE EARTH, 2010).

A construção é respeitosa com o entorno histórico. Ela complementa os espaços arquitetônicos gerados pelas fachadas do convento e a Igreja de São Domingos de Bonaval, e ao mesmo tempo apresenta uma nova fachada para a rua gerada no local. A adequação ao entorno e ao seu clima são as máximas desenvolvidas pelo arquiteto na preparação deste projeto.

Na fachada, Siza optou por apresentar um plano completamente cego (Imagem 5.36), uma espécie de muro alto de granito que faz fronteira com o muro da propriedade do convento.



Imagem 5.36: Fachada com a entrada principal (GOOGLE EARTH, 2010).

A rotação entre o centro e a igreja é coerente com a estrutura topográfica e é tida como uma das organizadoras da planta. O centro conta com três andares um subsolo e dois acima (Imagem 5.37). Existe um corredor central que separa o corpo do serviço e administrativo do museu e torna pública as salas de exposições. É concebido ainda um terraço como um "jardim da escultura", aberta na paisagem urbana (Imagem 5.38) (SIZA, 1996).



Imagem 5.37: Volumetria da edificação (GOOGLE EARTH, 2010).



Imagem 5.38: Terraço com jardim da escultura (GOOGLE EARTH, 2010).

Internamente o museu conta com várias salas de exposições permanentes e temporárias, oficinas, auditório, biblioteca, café e a zona de escritórios de uso dos serviços administrativos do centro.

Segundo Siza (1996), a estrutura do seu interior, feita a partir de mármore e madeira, é desenhada através de jogos de volumes com pequenos detalhes escultóricos e a presença da luz exterior, fazendo com que o visitante deguste em cada passo do percurso. Todas as salas vão surpreendendo o visitante pela singularidade e ao mesmo tempo por se ir conectando umas com as outras (Imagens 5.39, 5.40 e 5.41).

A opção de escolha deste projeto como estudo de caso é justamente este interessante jogo de detalhes de volume nos espaços de exposição, que vão trazendo sempre um aspecto novo ao visitante à medida que ele faz o percurso dentro do museu. Além disso, o modo respeitoso com o qual o museu se relaciona com seu entorno histórico também é considerado um aspecto positivo.



Imagem 5.39: Hall de entrada (GOOGLE EARTH, 2010).

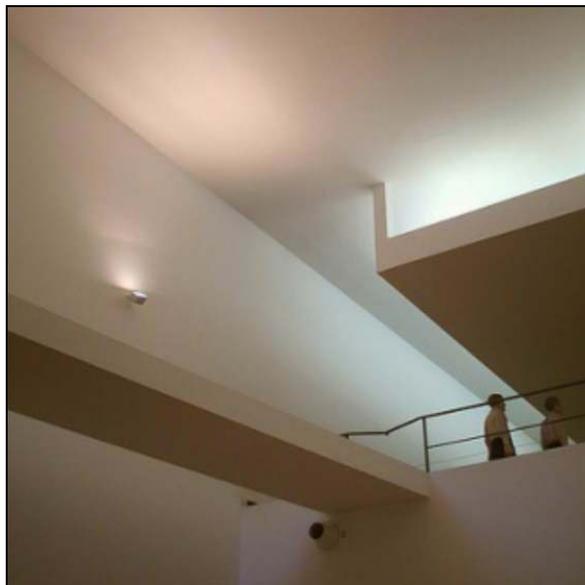


Imagem 5.40: Detalhe escultórico de volumes (GOOGLE EARTH, 2010).



Imagem 5.41: Sala de exposição temporária (GOOGLE EARTH, 2010).

5.1.5 Ampliação da Escola de Arquitetura, Arte e Desenho de Santiago

O projeto de ampliação da Escola de Arquitetura, Arte e Desenho de Santiago no Chile partiu da crescente necessidade das três escolas em expandir seus espaços físicos (Imagem 5.42). O arquiteto responsável pelo projeto foi Ricardo Abuauad. O período de construção ficou compreendido entre janeiro e julho de 2009.



Imagem 5.42: Fachada da ampliação para pátio interno (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

As regras para o local permitem uma taxa de ocupação de 100%, embora houvesse a intenção de manter o pátio interno pré-existente da escola. Assim, o

desafio foi planejar a maior área útil possível com o mínimo de impacto no terreno. Em termos ambientais, a existência de uma dimensão vertical para fechar o pátio para o norte também permitiu uma sombra necessária para a habitabilidade do mesmo (Imagem 5.43).



Imagem 5.43: Pátio interno da escola (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

No entanto o principal desafio do programa solicitado foi à criação de grandes salas, já que não era possível imaginar a continuidade de elementos verticais do piso ao teto sem fragmentar os ambientes. Assim, a idéia usada foi ocupar um subsolo com 10 metros de profundidade, gerando um grande espaço verticalizado e permitindo a criação de três pavimentos acima do solo com planta livre (Imagem 5.44).



Imagem 5.44: Corte perspectivado da ampliação (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

A escolha de colunas de apoio em "V" enfatiza a estratégia seguida para minimizar o impacto no solo (Imagem 5.45).



Imagem 5.45: Amplo espaço com elementos verticais (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

Esse mesmo sistema permitiu a criação de uma clarabóia com altura total do edifício na fachada norte, que permite iluminação e ventilação natural em relação à fachada sul (Imagem 5.46).

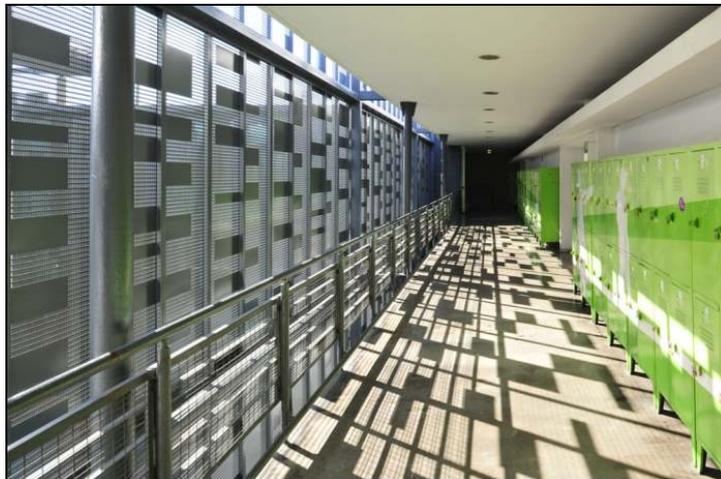


Imagem 5.46: Acabamento da fachada norte (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

A nova fachada, virada a sul, oferece uma relação dinâmica com o pátio através de uma série de vitrines em diferentes posições (Imagem 5.47). Internamente, estes ambientes com vista para o pátio, permitem o acesso de luz e ventilação. No caso de exigir projeções de escurecimento total, painéis deslizantes são implantados ao longo das aberturas (Imagens 5.48 e 5.49).



Imagem 5.47 Acabamento da fachada sul (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).



Imagem 5.48: Painéis deslizantes dos ambientes (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).



Imagem 5.49: Painéis deslizantes fechados (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

A espacialidade dos pavimentos acima do solo sugere uma forma de utilizar como salão de exposição, que no caso da escola possui uma demanda sempre alta, uma vez que os alunos vêm de disciplinas onde mostrar seus trabalhos e discuti-los é uma parte inerente do processo de ensino.

A pesquisa deste projeto é válida pelo estudo do modo como o arquiteto conseguiu atingir um alto índice de aproveitamento com uma taxa de ocupação restrita, fazendo um bom uso do subsolo e permitindo a criação de ambientes amplos e verticalizados. Ainda houve um interessante modo com que as principais fachadas do prédio foram trabalhadas, fazendo uso de ventilação e iluminação natural, potencializando os ambientes gerados para exposição.

5.1.6 Centro Médico Strips

O Centro Médico Strips está localizado na cidade de Shiga no Japão. A cidade de Kyoto é a oeste, enquanto que Kumano e Ise são para o sul. É o primeiro edifício médico das mediações onde está implantando. O escritório responsável pelo centro foi o Projeto Oriental. Possuindo uma área de 1.658m², foi concluído no ano de 2007 (Imagem 5.50).



Imagem 5.50: Centro Médico Strips de Shiga, Japão (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

Aleatoriamente as curvas esculpidas servem como a estrutura da fachada. Estas formas proporcionam o movimento da luz e da sombra, elas lentamente se deslocam ao longo do dia, proporcionando um aspecto escultural em sua expressão. Com um lado de 41 metros e outro mais estreito com 13 metros, e com 7 metros de altura, estas aberturas proporcionam o acesso das pessoas para dentro da edificação (Imagens 5.51 e 5.52).



Imagem 5.51: Curvas esculpidas das fachadas (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).



Imagem 5.52: Acessos possíveis pela fachada (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

Este efeito adquirido através da simplicidade remete à idéia conceitual do edifício: um corredor de luz e sombra dançando lentamente durante o dia. Existe um parque infantil ao longo do edifício. Crianças brincam entrando e saindo destas aberturas (Imagens 5.53 e 5.54).

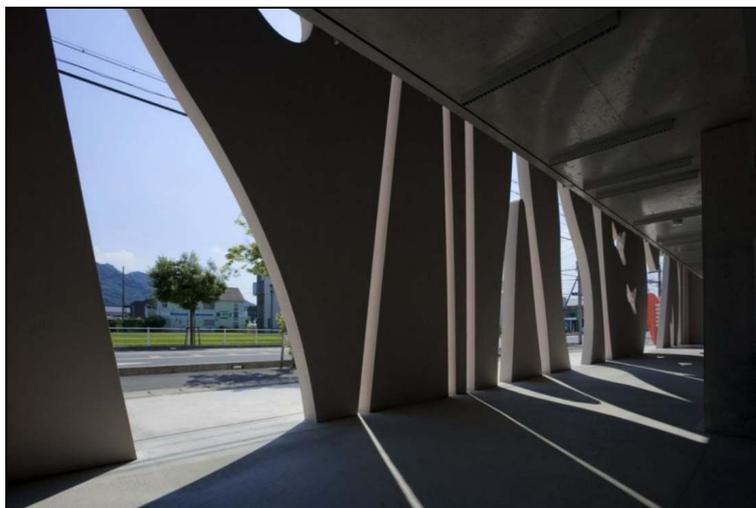


Imagem 5.53: Corredores de acesso ao prédio (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

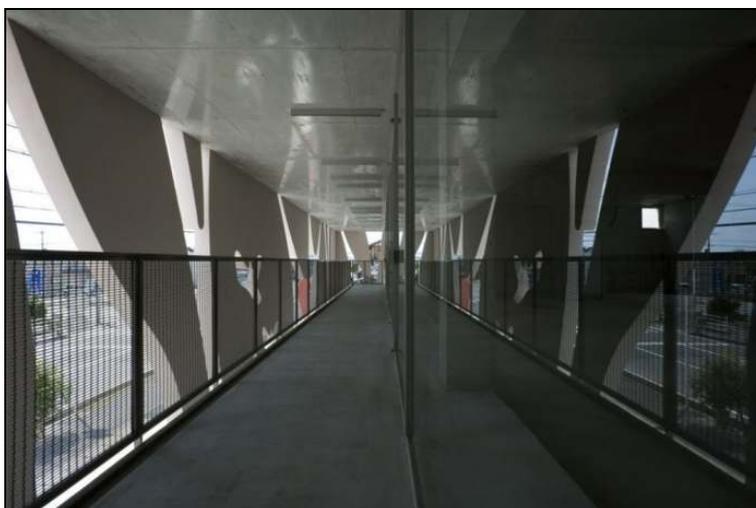


Imagem 5.54: Corredores do segundo pavimento (PLATAFORMA ARQUITECTURA, 2010).

Embora o programa do projeto acima seja bem diferente do tema central desta pesquisa, busca-se o estudo do efeito proporcionado do envelope escultórico das fachadas. A simplicidade aliada a um interessante efeito de movimento da luz e sombra nos corredores de acesso, faz deste projeto um referencial para o trabalho a ser desenvolvido.

5.1.7 Museu Hergé

O Museu Hergé está localizado na cidade de Louvain-la-Neuve na Bélgica, uma pequena aldeia distante 25 km de Bruxelas. Esta foi a terra natal de Hergé, criador do famoso personagem dos quadrinhos: Tintin. O museu foi projetado em 1996, pelo arquiteto francês Christian de Portzamparc. A ideia de um museu foi pensada desde 1979, enquanto Hergé ainda estava vivo. O prédio foi construído em apenas dois anos, sendo concluído em 2009 (Imagem 5.55).



Imagem 5.55: Museu Hergé (SOUTO, 2009).

Internamente o museu é dividido em oito ambientes, divididos em três pavimentos, e que totalizam uma área de 3.800m². O edifício tem a forma alongada de um prisma. A fachada branca aumenta a sensação de leveza emergindo de uma área verde e ligada ao resto da cidade por uma ponte (Imagem 5.56).



Imagem 5.56: Acesso principal do museu (SOUTO, 2009).

Os dois primeiros ambientes contam a história da vida de um homem amante de gatos e que começou a carreira como desenhista. Depois, há um espaço para seus personagens, um espaço para sua paixão pelo cinema e jornalismo, e alusões a sua vocação visionária de investigação científica e suas pesquisas humanistas. Uma grande área de recepção engloba os quatro volumes das exposições ligados por passarelas suspensas (Imagem 5.57).

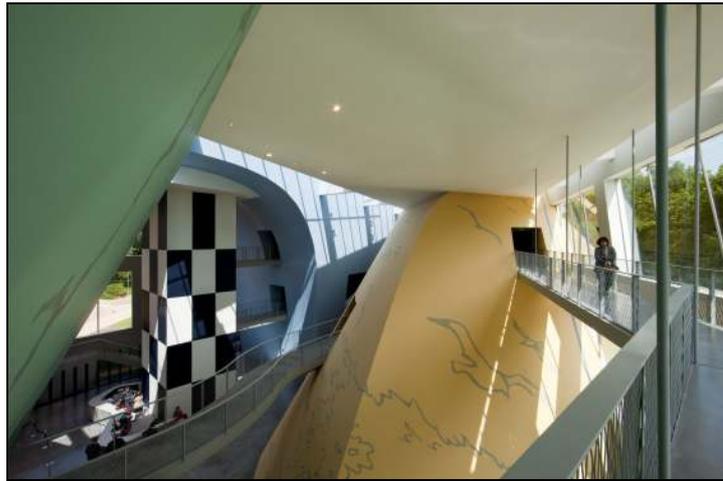


Imagem 5.57: Passarelas suspensas (SOUTO, 2009).

Cores brilhantes, como: amarelo, verde e salmão, além do preto e branco, são usadas internamente com desenhos e grafismos, como uma homenagem simbólica às aventuras vividas por Tintin (Imagens 5.58 e 5.59).



Imagem 5.58: Cores brilhantes nos ambientes internos (SOUTO, 2009).



Imagem 5.59: Uso do branco e preto (SOUTO, 2009).

Um edifício com uma estética que transporta para a tridimensionalidade e a espacialidade a estética, o humor e o sentido crítico do autor que homenageia. Existe ainda uma cobertura parcialmente de vidro, que permite a entrada da luz do sol.

A pesquisa referencial deste projeto se deve ao interessante modo como os ambientes internos são trabalhados e articulados através de passarelas suspensas. O modo com que o museu se relaciona com a paisagem verde ao seu redor com grandes aberturas de vidro, também é considerado um ponto positivo do prédio .

Segundo o arquiteto Portzamparc (2009), quando nós olhamos o Museu Hergé, vemos em primeiro lugar um interior colorido, como um sonho. Esse mundo interior pode ser visto de fora através das grandes janelas. Talvez isso nos lembre das caixas de quadrinhos que nos levaria a um mundo infinito. Esta paisagem, que liga a cidade à natureza, é caracterizada por trechos de Hergé.

5.2 PROJETO ANÁLAGO

5.2.1 Museu Bata do Sapato de Toronto

O Museu Bata do Sapato de Toronto (*The Bata Shoe Museum*), localizado na cidade de Toronto (Imagem 5.60) no Canadá, coleta, pesquisa, preserva, exibe e interpreta calçados de todo o mundo. A coleção atual do museu possui mais de 12.500 sapatos e objetos relacionados, contando mais de 4.500 anos de história de muitas culturas e regiões geográficas (WIKIPÉDIA, 2010).



Imagem 5.60: The Bata Shoe Museum, Toronto (MORIYAMA, 1995).

A pesquisa deste projeto se deve pelo fato dele ser um dos raros museus, a nível mundial, com o tema voltado para o calçado. Buscou-se principalmente averiguar o programa de necessidades e o sistema adotado para as galerias de exposições.

A coleção originou-se com a Sra. Sonja Bata. Como ela viajou o mundo em negócios com seu marido, gradualmente construiu uma coleção de calçados tradicionais das áreas que ela estava visitando. Em 1979, a família estabeleceu o “*Bata Shoe Museum*”, para operar um centro internacional de pesquisa do calçado e abrigar a coleção. De 1979 a 1985, a coleção esteve em exposição na sede da Companhia Bata, localizada na área Don Mills de Toronto (WIKIPÉDIA, 2010).

O museu foi projetado pela arquiteta Raymond Moriyama e concluído em 1995, sendo aberto ao público no dia 06 de maio daquele ano. O prédio localiza-se na esquina das ruas Bloor e São Jorge Ruas, no centro de Toronto. Sua forma é derivada da idéia do museu como um recipiente. Tendo presente à idéia de associá-lo com o calçado, Moriyama declarou que o edifício destina-se a evocar uma caixa

de sapatos aberta, realizada de forma um pouco desconstrutivista, com suas paredes inclinadas e um interessante jogo de volume e efeito (Imagem 5.61).



Imagem 5.61: Fachada principal (MORIYAMA, 1995).

O museu normalmente abriga quatro exposições, uma permanente e três temporárias. A exposição permanente, "*All About Shoes: calçados através dos tempos*", expõem as características dos calçados em diferentes períodos históricos e áreas geográficas, olhando para o seu significado em diferentes práticas culturais e as fases da vida. As três exposições temporárias são normalmente exposições de um a dois anos e podem se concentrar em um período específico da história, grupo cultural, área geográfica ou em um aspecto da cultura material (*THE BATA Shoe Museum*, 2010).

O local também organiza palestras, performances e eventos sociais, muitas vezes com um foco etno-cultural ou com parceiros da comunidade. Cerca de 10.000 estudantes vêm ao museu todos os anos em viagens de campo. Professores, estudantes e não-estudantes, também podem visitar exposições on-line do museu (*THE BATA Shoe Museum*, 2010).

O edifício é constituído por três pavimentos acima do solo e dois níveis em subsolo. A parte pública acessível do edifício conta com: quatro galerias, duas salas de reuniões, salas multiusos, uma loja de presentes, o lobby e o átrio, bem como escritórios e instalações de conservação. Típicos da maioria dos museus, os espaços de galeria são neutros no projeto, permitindo se concentrar na mostra criativa e não no próprio edifício (Imagem 5.62). No entanto, os materiais tradicionais

como bronze fundido e o couro (um material importante na criação de sapatos por séculos) são utilizados na sinalização ao longo do museu (WIKIPÉDIA, 2010).



Imagem 5.62: Galeria de exposições subterrânea (MORIYAMA, 1995).

Na fachada principal (fachada norte) ao longo da Rua Bloor, está o acesso público sob uma forma piramidal em vidro (Imagem 5.63), que emerge do volume principal criando um pequeno pátio de entrada.



Imagem 5.63: Acesso público (MORIYAMA, 1995).

Esta entrada é a parte final de um corte envidraçado através do edifício que vai até fachada sul (Imagem 5.64), que conta com paredes de vidros modulados. Entre estes, está circulação vertical principal, proporcionando uma visão clara através da construção de três andares sobre o solo.



Imagem 5.64: Circulação vertical (MORIYAMA, 1995).

O volume total de pedra parece flutuar sobre uma fita de vitrines de vidro ao nível da rua, utilizada como cenário de exposição e banners publicitários (Imagem 5.65). O edifício conta com um revestimento de placas de calcário nas fachadas.



Imagem 5.65: Vitrines de vidro ao nível da rua (MORIYAMA, 1995).

De acordo com Moriyama (1995), a arquitetura do museu deve ser vista como uma celebração não apenas de sapatos, mas também da visão maravilhosa que trouxe para a opinião pública.

6. PROPOSTA

6.1 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

O programa de necessidades da proposta para a nova sede do Museu Nacional do Calçado foi elaborado a partir das atuais instalações existentes e na análise da ampliação do espaço físico necessário.

Foi levada em consideração a opinião da coordenadora do museu, exposta na entrevista realizada (ver apêndice E), quanto aos ambientes físicos propostos para uma nova estrutura que atendesse de modo satisfatório as exposições e demais necessidades.

A análise dos projetos referenciais e análogos estudados também colaborou para o enriquecimento do programa da proposta, a fim de tornar a nova sede um espaço mais organizado e com maior flexibilidade.

6.1.1 Acesso público

Os espaços deste setor possuem entrada livre a qualquer visitante, possibilitando o acesso aos espaços de exposições, auditório, salas administrativas e setores de apoio.

a) *Hall de entrada*: este ambiente é destinado à recepção e ingresso dos visitantes do museu. Servirá também de acesso a bilheteria, rouparia e sanitários. Contará com cadeiras, poltronas e aparelho de som e televisão.

Área prevista: 80m²

b) *Bilheteria / Informações*: local para a venda de ingressos de acesso aos ambientes de exposições, além do objetivo de fornecer informações aos visitantes. Deverá conter armários e balcão de atendimento.

Área prevista: 10m².

c) *Rouparia*: local destinado para guardar peças de roupa e objetos pessoais, dando maior comodidade aos visitantes. A rouparia necessitará de armários para a guarnição dos objetos e balcão de atendimento.

Área prevista: 10m².

d) *Loja*: local destinado para a venda de *souvenirs*, livros e revistas relacionados ao tema do calçado e a história do Vale dos Sinos. Contará com expositores e balcão de venda.

Área prevista: 40m².

e) *Sanitários para visitantes*: destinados exclusivamente para os visitantes. Serão divididos por sexo e terão acessibilidade universal. Contarão com pias, vasos sanitários e mictórios, para o caso do sanitário masculino.

Área prevista: 40m².

6.1.2 Exposições

As salas de exposições terão por objetivo apresentar parte do acervo do museu ao público, além de eventuais exposições itinerantes, através de um percurso e temática proposto pela curadoria.

a) *Sala de exposições permanentes*: local para a exposição de peças próprias do acervo do museu. O local contará com mobiliário necessário para expor os calçados e demais objetos.

Área prevista: 300m².

b) *Sala de exposições temporárias*: local para a exposição de peças emprestadas ao museu ou algum tipo de exposição itinerante. O local contará com mobiliário necessário para expor os objetos.

Área prevista: 200m².

6.1.3 Setor administrativo

Este setor tem como objetivo abrigar as funções de curadoria, coordenação e administração do museu, garantindo seu pleno funcionamento.

a) *Recepção*: local para receber pessoas interessadas em comunicar-se com a equipe administrativa do museu. Necessitará de uma mesa, cadeiras e poltronas.

Área prevista: 10m².

b) *Salas administrativas*: local de trabalho das pessoas encarregadas das funções administrativas e burocráticas do museu. O ambiente contará com mesas, armários, cadeiras e poltronas.

Área prevista: 30m².

c) *Sala da curadoria*: local de trabalho do agente cultural que determina o sistema e a temática das exposições oferecidas pelo museu. O ambiente contará com uma mesa, armário, cadeiras e poltronas.

Área prevista: 15m².

d) *Sala da direção*: local de trabalho da pessoa encarregada da coordenação geral do museu. O ambiente contará com uma mesa, armário, cadeiras e poltronas.

Área prevista: 15m².

e) *Sala de reunião*: local para eventuais reuniões internas da equipe administrativa ou reuniões com demais pessoas em geral. O ambiente contará com uma mesa e cadeiras.

Área prevista: 20m².

f) *Sanitários para funcionários*: destinados exclusivamente para os funcionários do museu. Serão divididos por sexo e terão acessibilidade universal. Contarão com pias, vasos sanitários e mictórios, para o caso do sanitário masculino.

Área prevista: 20m².

6.1.4 Setor de apoio

Os setores de apoio caracterizam-se por desempenhar outras funções do museu que não sejam direcionadas às exposições, servindo apenas de complemento das atividades do mesmo.

a) *Sala de aula*: sala destinada às funções pedagógicas do museu em parceria com a Universidade Feevale e outras instituições da comunidade em geral. Contarão com mesas e cadeiras.

Área prevista: 80m².

b) *Biblioteca*: local destinado ao armazenamento e estudo de bibliografias relacionadas ao tema, presentes como peças do acervo. O local terá estantes e mesas de estudo.

Área prevista: 130m².

c) *Café*: local de comercialização de bebidas e alimentos para funcionários e visitantes do museu. Conterá com uma pequena cozinha, mas sem preparo de alimentos. O local possuirá mesas e cadeiras.

Área prevista: 100m².

d) *CFTV*: local de monitoração do sistema de televisionamento recebido de sinais provenientes de câmeras localizadas em pontos estratégicos do museu, a fim de manter a segurança e vigilância do local. Conterá com mesa, cadeira, armário e sistema eletrônico para a função.

Área prevista: 10m².

6.1.5 Depósito e manutenção

Estes ambientes terão a função de armazenar diferentes tipos de materiais, desde peças do acervo até materiais de limpeza e escritório. Além disso, existirá um espaço para a manutenção de peças do acervo.

a) *Depósito de acervo*: destinado a armazenar peças que não estão em exposição. O depósito nas atuais instalações do museu conta com cerca de 400m² e ter se tornado pequeno pela quantidade de peças que são acrescentadas a cada ano ao acervo permanente. O mobiliário será constituído de uma mesa, uma cadeira e diversas estantes.

Área prevista: 800m².

b) *Depósito geral*: este ambiente tem como função armazenar diferentes tipos de materiais de serviço, limpeza e produtos em geral. O mobiliário do mesmo serão apenas estantes e armários.

Área prevista: 40m².

c) *Atelier de manutenção geral*: destinado a consertar peças do acervo e demais equipamentos e mobiliários do museu. O mobiliário será constituído de uma mesa grande de trabalho, cadeiras, estantes e armários.

Área prevista: 60m².

d) *Doca*: local destinado ao estacionamento de veículos que realizarão descarga de material para o acervo do museu ou materiais de serviço, limpeza e produtos em geral.

Área prevista: 40m².

6.1.6 Auditório

O auditório terá como objetivo servir de acomodação para palestras e demais atividades relacionadas ao âmbito do calçado, moda ou design, que necessite da

presença de uma maior quantidade de pessoas no ambiente. A capacidade prevista será de 150 pessoas.

a) *Sala de auditório*: local que abrigará a platéia durante as atividades. Possuirá acessibilidade universal e saída de emergência conforme previsto na legislação vigente. Conterá com cadeiras e assentos especiais para obesos e deficientes físicos, além de palco com mesa e cadeiras e sistema som.

Área prevista: 250m².

b) *Sala de tradução*: ambiente destinado a eventual tradução de idioma para uma pessoa ou grupo de pessoas que está assistindo a atividade que ocorre no auditório. Conterá apenas com assentos.

Área prevista: 10m².

c) *Sala de projeção*: ambiente responsável pela projeção de vídeo para a sala de auditório. Conterá com mesa, cadeiras, armário e sistema eletrônico para a função.

Área prevista: 10m².

d) *Antecâmara*: local com o objetivo de proporcionar o isolamento acústico do som vindo do foyer para dentro do auditório, servindo de ligação entre estes dois ambientes.

Área prevista: 30m².

e) *Foyer*: local para reunião de pessoas durante os intervalos das atividades realizadas no auditório. Dará acesso à antecâmara, sala de tradução, sala de projeção e aos sanitários.

Área prevista: 80m².

f) *Camarim*: servirá de apoio no caso de alguma atividade que necessite de troca de roupa ou algum tipo de preparação especial por parte das pessoas que se apresentarão para a platéia. Sua localização será próxima ao palco. Conterá com armários e balcão de suporte.

Área prevista: 10m².

g) *Sanitários*: destinados às pessoas envolvidas com as atividades do auditório. Serão divididos por sexo e terão acessibilidade universal. Contarão com pias, vasos sanitários e mictórios, para o caso do sanitário masculino.

Área prevista: 40m².

6.1.7 Estacionamento

Embora o Código de Edificações de Novo Hamburgo não determine a necessidade de vagas de estacionamento para museus, percebe-se a importância para o projeto da existência de uma área voltada para este fim, visto a presença do auditório e salas de aula que fazem parte do programa de necessidades. Além disso, as vias que circundam o lote escolhido não apresentam condições favoráveis para o estacionamento de veículos.

Portanto estima-se um estacionamento previsto para abrigar 100 automóveis, tanto de funcionários como visitantes do museu. O espaço contará ainda com local para manobrista e lavabo.

Área prevista: 1.800m².

6.1.8 Planilha de áreas

A seguir segue a tabela com o resumo das áreas e quantidades dos ambientes apresentados como o programa de necessidades para a nova sede do MNC.

Tabela 02 - Programa de necessidades para nova sede do MNC.

Programa de necessidades				
Setor	Ambiente	Quantidade	Área unit. (m²)	Área total (m²)
Acesso público	Hall de entrada	01	80	80
	Informações / bilheteria	01	10	10
	Rouparia	01	10	10
	Loja	01	40	40
	Sanitários	02	20	40
	Área total do setor			180
Exposições	Exposições permanentes	03	100	300
	Exposições temporárias	02	100	200
	Área total do setor			500
Administrativo	Recepção	01	10	10
	Sala administrativa	02	15	30
	Sala da curadoria	01	15	15
	Sala da direção	01	15	15
	Sala de reunião	01	20	20
	Sanitários	02	10	20
	Área total do setor			110
Apoio	Sala de aula	02	40	80
	Biblioteca	01	130	130
	Café	01	100	100
	CFTV	01	10	10
	Área total do setor			320
Depósito e manutenção	Depósito de acervo	01	600	800
	Depósito geral	01	40	40
	Atelier de manutenção geral	01	60	60
	Doca	01	40	40
	Área total do setor			940
Auditório	Sala de auditório	01	250	250
	Sala de tradução	01	10	10
	Sala de projeção	01	10	10
	Antecâmara	01	30	30
	Foyer	01	80	80
	Camarin	01	10	10
	Sanitários	02	20	40
	Área total do setor			430
Estacionamento	Estacionamento	01	1600	1800
			Total	4280

Após a elaboração do programa de necessidades, desconsiderando as áreas externas e estacionamento, e acrescentando 30% de circulações e paredes, obteve-se uma área total para o museu em torno de 3.224m².

6.1.9 Reservatórios

Para um pré-dimensionamento de reservatórios de água fria para a proposta, foi realizada uma estimativa de consumo diário sugerida por Creder (1995). O cálculo leva em consideração a área do projeto, dividida por uma taxa de ocupação sugerida em função do tipo de prédio, que no caso de museu é 5,5m² para cada pessoa. Este valor deve ser multiplicado para um consumo diário estimado em 50 litros per capita.

Em virtude das deficiências no abastecimento público de água em praticamente todo o país, Creder (1995) recomenda que se adote reservatórios com capacidade suficiente para dois dias e que o reservatório inferior armazene 60% e o superior 40% do consumo.

Assim, se dividirmos a área de 2.964m² por 5,5m², atingisse a quantidade de 538,91 pessoas. Aplicando-se este número multiplicado por 50 litros diários, chegamos a uma estimativa de consumo geral para o museu no valor de 26.945 litros. Multiplicando este valor para dois dias de consumo, atingimos o valor total de 53.890 litros, sendo 32.334 litros para o reservatório inferior e outros 21.556 para o reservatório superior.

6.2 Organograma

O organograma a seguir (Imagem 6.1) demonstra a intenção de projeto para o modo de ligação entre os ambientes, além dos fluxos de entrada e saída de funcionários e visitantes do museu.

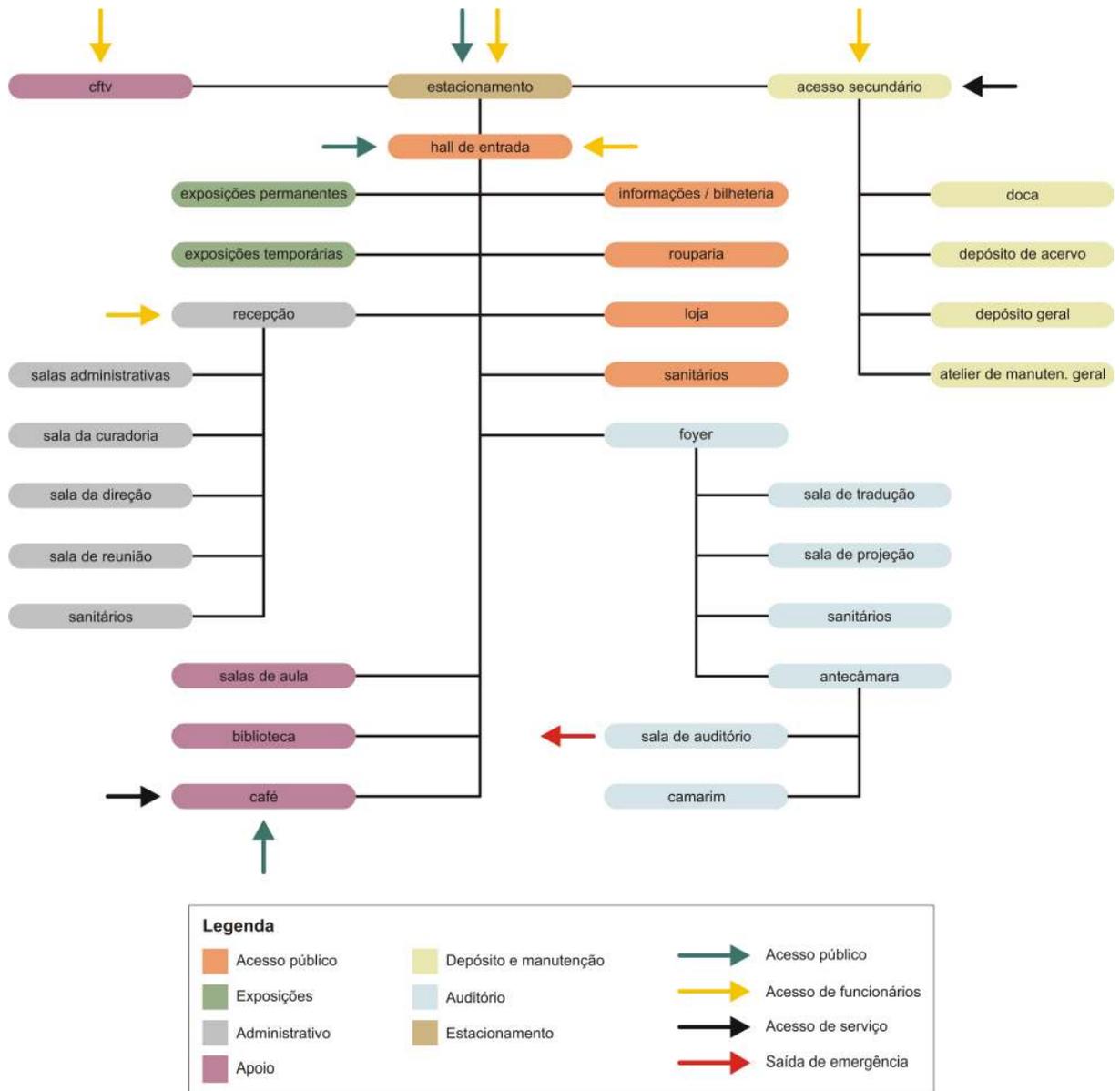


Imagem 6.1: Organograma do programa de necessidades.

6.3 Conceito

...o movimento.

“Os sapatos ficam entre os pés e o chão, no que são como as palavras. As meias entre os pés e os sapatos, como os adjetivos. Os verbos, passos. Cadarços, laços. Os pés caminham lado a lado, calçados. Sapatos são calçados. Porque são e porque são usados. Palavras são pedaços. Os pés descalços caminham calados.” (Arnaldo Antunes).

No campo da física, *movimento* é a variação de posição espacial de um objeto ou ponto material no decorrer do tempo. É ação de deslocar ou deslocar-se, é a mudança pela qual um corpo está sucessivamente presente em diferentes pontos do espaço. Envolve ação, variedade e animação. No campo da filosofia, Aristóteles define *movimento* em dois tipos, o primeiro atinge os acidentes, como o lugar, quantidade e qualidade, e o segundo que atinge a própria substância dos seres, a gênese inicial. O primeiro tipo de movimento é chamado de “*kinesis*”, e não altera a identidade do “Ser”, que permanece o mesmo durante o “movimento”, em analogia com o tema podemos considerar como sendo: o calçado. O segundo movimento alteraria o ser permanente e geraria um novo, podendo ser a arquitetura do museu e as pessoas em contato com ele.

O movimento de andar é um ato essencial na vida do homem. E o calçado como objeto cotidiano, simples e com possibilidades de contextualizações no tempo, espaço e culturas, é parte vital desta história. Muitas questões permeiam este objeto: o sapato. Eles são capazes de criar uma atmosfera própria entre os mais diversos gêneros de vestuário. Desde os mais simples até ao mais sofisticados, atualmente todos fazem parte do mercado global, sendo também indicadores da cultura, do status e da personalidade de quem os usa.

Calçado é o nome dado a tudo que cobre e protege parcialmente ou inteiramente os pés. A partir deste princípio temático, busca-se uma relação de analogia com as fachadas da edificação, que devem ser capazes de gerar um envoltório criando uma cobertura material para proteger e envolver o museu.

E o que se quer? Provocar a reflexão, o conhecimento, o espanto, a indagação, ou simplesmente a curiosidade. Experimentar a luz, as formas, os ambientes, as aberturas, as visuais, os percursos e as sensações humanas.

O movimento, o trajeto, a imagem e o despertar da curiosidade humana, tendo como objeto fundamental de observação: o calçado. A relação arquitetônica pode vir de encontro a esta temática, podendo ser estabelecida com o público, o aluno, o espectador, o ambiente e a arte.

Busca-se um projeto que conjugue interatividade, dinamismo e versatilidade na sua concepção espacial, de modo que estes princípios possam nortear as decisões projetuais.

CONCLUSÃO

A primeira idéia que nos vem à mente, tradicionalmente, quando pensamos em museus, refere-se a um local que visa à preservação de algo, parte da história de uma comunidade. No entanto, podemos pensá-lo como um ambiente que pode também servir à educação, em seu sentido mais amplo, disponibilizando seu espaço para atividades educativas e pedagógicas. O museu deve conciliar as necessidades de evocação e celebração da memória calçadista com a responsabilidade de promover a consciência histórica e oportunizar o crescimento do setor.

O Museu Nacional do Calçado é hoje um local comprometido em expor o passado e o presente de nossa comunidade, através de um acervo muito rico, capaz de contar parte de nossa história, através de um tema central muito representativo economicamente ao longo de décadas de desenvolvimento do Vale dos Sinos.

Após a análise de todos os dados e informações aqui apresentados, percebe-se a viabilidade e a importância da elaboração de um projeto que abrigue uma nova sede para o MNC. Embora o programa utilizado atualmente pelo museu tenha mostrado bons resultados e ter uma boa procura pela população em geral, as atuais instalações do museu estão visivelmente defasadas, não explorando o potencial do acervo que possui.

Novo Hamburgo também aparece como a cidade do Vale dos Sinos mais indicada para abrigar o museu, pois além de ser considerada a Capital Nacional do Calçado, é o berço deste desenvolvimento e possui todas as condições necessárias para o projeto em questão.

A proposta visa criar um local capaz de dar as condições necessárias para o museu servir as atividades de exposição juntamente com a função pedagógica

relacionada ao setor, trabalhando em conjunto com instituições similares. Desta forma, o campo da arquitetura vem ao encontro desta problemática que é conciliar os principais objetivos do MNC. A arquitetura a ser utilizada deverá ser capaz de respeitar os alinhamentos e alturas consolidadas pelo entorno, integrando com a paisagem urbana, mas ao mesmo tempo explorando uma tipologia que o torne representativo por seu caráter excepcional para o local e para a própria cidade de Novo Hamburgo.

Espera-se que as informações aqui apresentadas possam contribuir para o esclarecimento do tema e justificado a proposta para a elaboração do Trabalho Final de Graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDI, Pietro Maria. **História do MASP**. São Paulo, SP: Instituto Quadrante. São Paulo, 1992.

BASULTO, David. **Museo de Arte de Grand Rapids**. Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/2009/12/17/museo-de-arte-de-grand-rapids-why-architecture/>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

CREDER, Hélio. **Instalações hidráulicas e sanitárias**. Livros Técnicos e Científicos, Editora LTC, 5ª edição, 1995.

Enciclopédia dos Museus - **Museu de Arte de São Paulo**. São Paulo, SP: Edições Melhoramentos, 1978.

GOOGLE EARTH Software. **Novo Hamburgo**, RS. Imagem satélite, colorida. Escala indeterminada. Novo Hamburgo, RS. Disponível em: <<http://earth.google.com.br/index.html>>. Acesso em: 27 mar. 2010.

HISTÓRIA do Calçado. Disponível em: <<http://www.sapatosite.com.br/portugues/opcoes/historia.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2010a.

HISTÓRIA do Calçado. Disponível em: <<http://www.sindicatotrescoroas.com.br/calçado/>>. Acesso em: 06 mar. 2010b.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de museus**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2010.

Lina Bo Bardi - Obra construída. Revista 2G, n. 23 / 24. São Paulo, SP: Editorial Gustavo Gili, 2003.

MALBA - Fundación Constantini - Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.malba.org.ar/web/home.php>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

MONTANER, Josef Maria. **Novos Museus.** São Paulo, SP: Gustavo Gili, 2007.

MUSEU do Calçado de Franca. Disponível em: <<http://www.museudocalcado.com.br/>>. Acesso em: 06 mar. 2010.

MUSEU Nacional do Calçado. Disponível em: <<http://www.mncalcado.br/>>. Acesso em: 06 mar. 2010.

NOSSA cidade: Novo Hamburgo. Disponível em: <<http://novohamburgo.org/site/nossa-cidade/>>. Acesso em: 03 mar. 2010.

PLATAFORMA ARQUITECTURA. **Ampliação de Faculdade de Arquitetura.** Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/2010/07/14/ampliacion-facultad-de-arquitectura-arte-y-diseno-udp-ricardo-abuauad/#more-47109>>. Acesso em: 07 ago. 2010a.

PLATAFORMA ARQUITECTURA. **Strips.** Disponível em: <<http://www.plataformaarquitectura.cl/2010/05/21/strips-eastern-design-office-hojo-structure-research-institute/#more-43791>>. Acesso em: 07 ago. 2010b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. **Arquivo Digital.** Novo Hamburgo, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. Disponível em: <http://www.novohamburgo.rs.gov.br/>>. Acesso em: 19 jun. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Planejamento - SEPLAM. **Lei Complementar nº 608/2001.** Novo Hamburgo, RS: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM. **Lei Municipal nº 1.216|2004,** de 20 de dezembro de 2004. Novo Hamburgo, RS: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 2004.

PRODANOV, Cleber C; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2ª reimpressão. Editora Feevale. Novo Hamburgo, 2009. 288 p.

REGIÃO Metropolitana. **Novo Hamburgo**. Disponível em: <<http://www.portoimagem.com/rmpa.html>>. Acesso em: 03 mar. 2010.

ROSSINI, Rodrigo. **Entrevista Museu Nacional do Calçado**. Entrevista [abr. 2010]. Entrevistador: Rodrigo Rossini. Museu Nacional do Calçado. Novo Hamburgo.

SARZABAL, Hernán Barbero; CASTIGLIONE, Sérgio. **Museu de Arte Latino-Americana**. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/alfredo-tapia-martin-fourcade-e-gaston-atelman-museu-de-13-11-2002.html>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

SERVIÇO de Meteorologia, Secretaria Municipal do Meio Ambiente – Prefeitura de São Leopoldo, 2010.

SIZA VIEIRA, Álvaro. **Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela**. Disponível em: <<http://www.acmaweb.com/data/datalist/mostre/santiago/santiago.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

SOUTO, Emanuel. **Museu Hergé por Christian de Portzamparc**. Disponível em: <<http://www.papodearquitecto.com/2009/06/museu-herge-por-christian-de-portzamparc/>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

THE BATA Shoe Museum. Disponível em: <<http://www.batashoemuseum.ca/>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

UNIVERSIDADE FEEVALE. Sistema de Gerenciamento de Espaço. Disponível em: <<http://aplicweb.feevale.br/geop/>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

WIKIPÉDIA. **Bata Shoe Museum**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Bata_Shoe_Museum>. Acesso em: 19 mar. 2010a.

WIKIPÉDIA. **Centro Galego de Arte Contemporânea**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Galego_de_Arte_Contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 10 abr. 2010b.

WIKIPÉDIA. **Hamburgo Velho**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamburgo_Velho>. Acesso em: 27 mar. 2010c.

WIKIPÉDIA. **Novo Hamburgo**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_hamburgo>. Acesso em: 27 mar. 2010d.



Apêndice A – Mapa fundo / figura



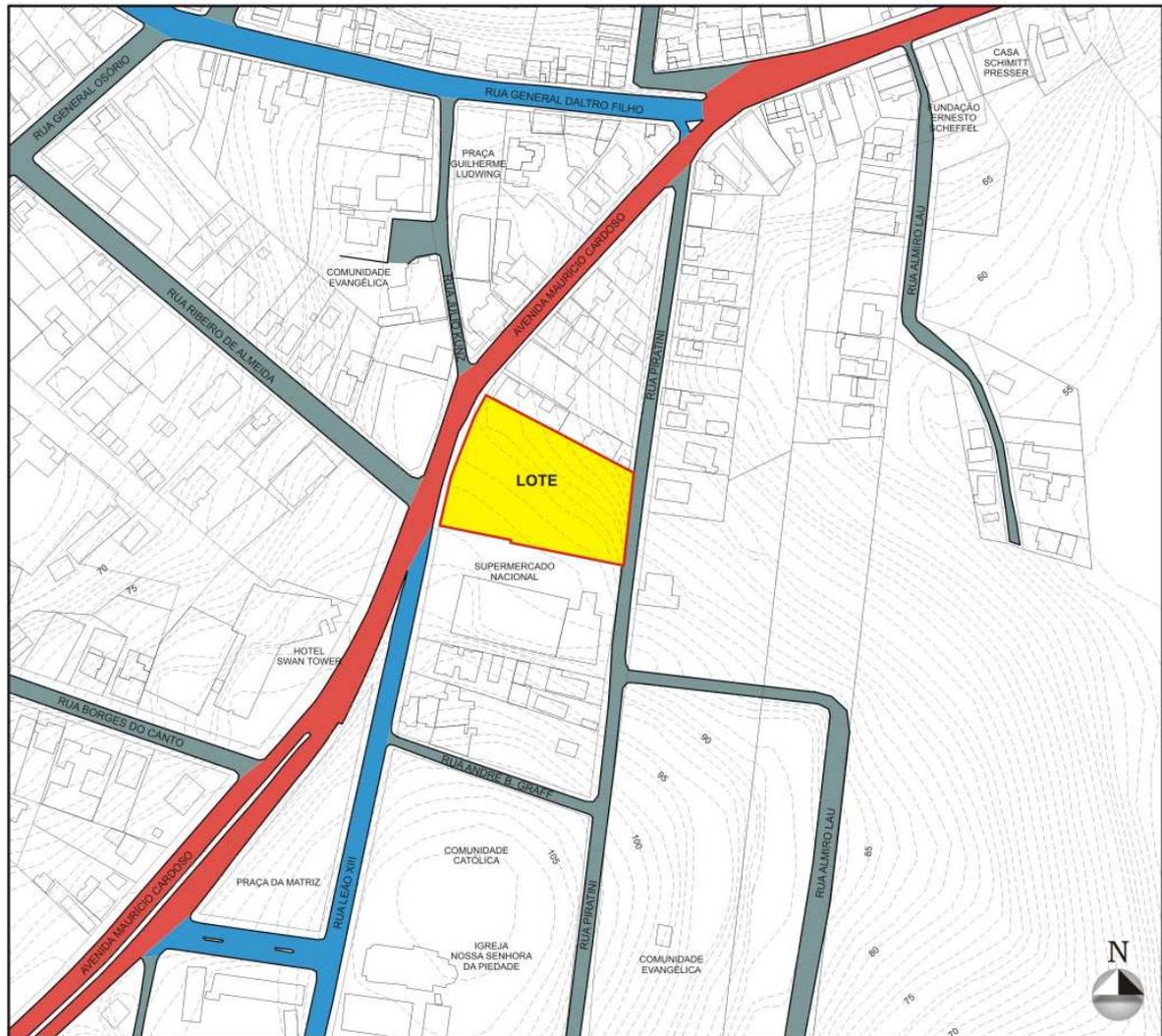
Legenda

-  Cheios
-  Vazios
-  Lote em estudo

escala: 1/3000



Apêndice B – Mapa do sistema viário



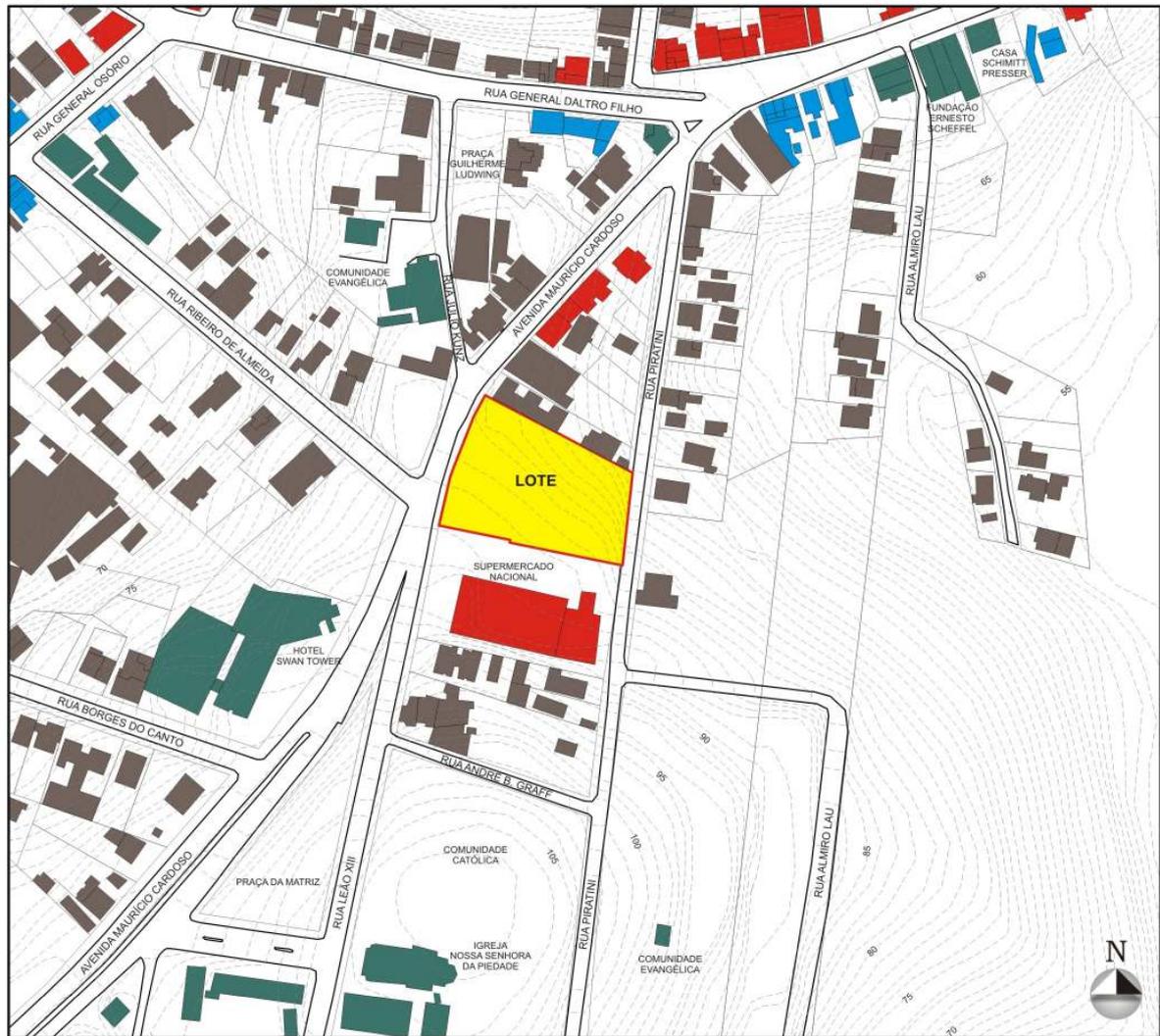
Legenda

- Vias principais
- Vias secundárias
- Vias locais
- Lote em estudo

escala: 1/3000



Apêndice C – Mapa de usos



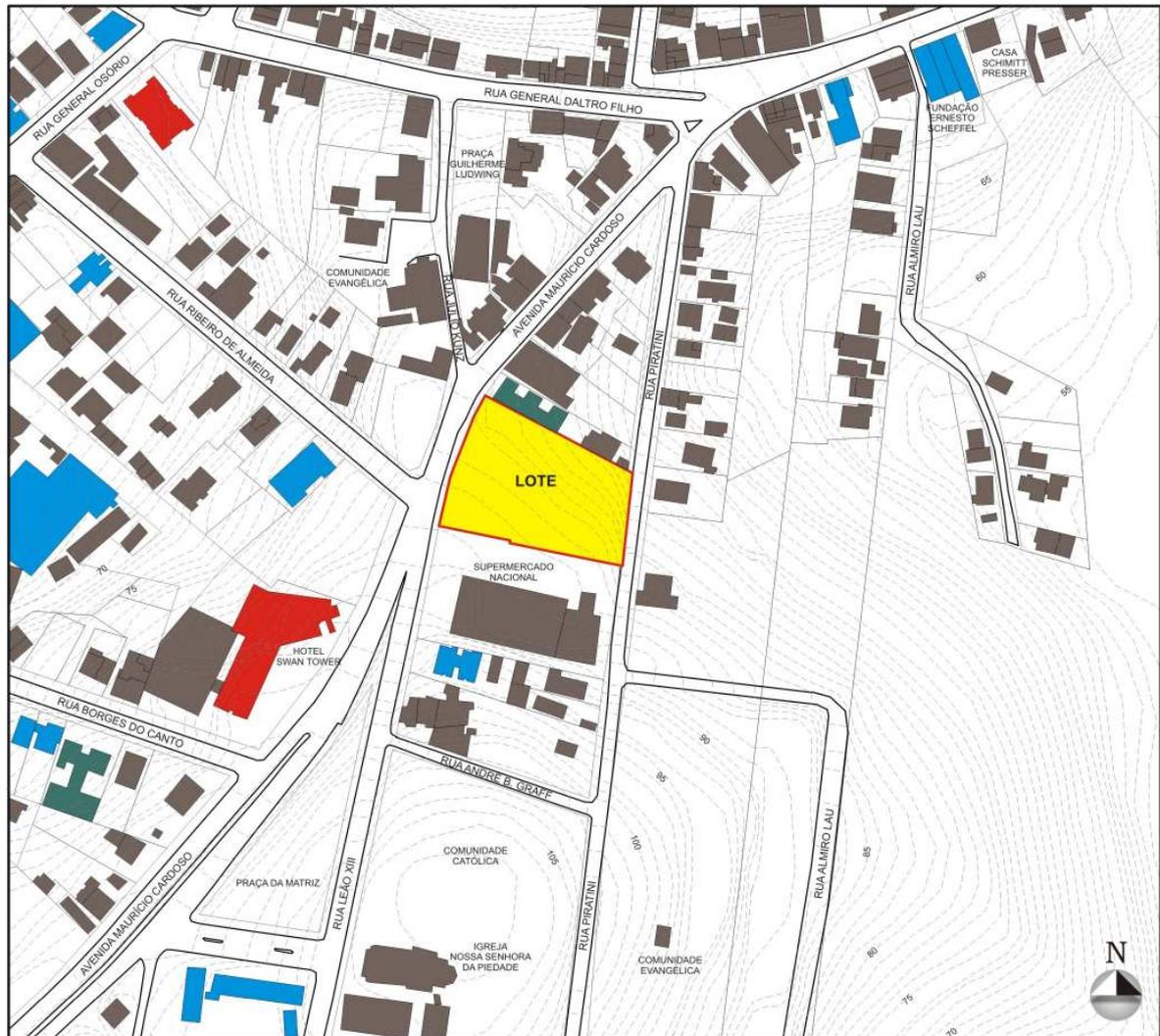
Legenda

- Residencial
- Comercial / prestação de serviços
- Mista (residencial e comercial)
- Especiais (Igrejas, hotéis, escolas, patrimônio histórico...)
- Lote em estudo

escala: 1/3000



Apêndice D – Mapa de alturas



Legenda

- De 1 a 2 pavimentos
- De 3 a 4 pavimentos
- De 5 a 10 pavimentos
- Mais de 10 pavimentos
- Lote em estudo

escala: 1/3000



Entrevista para Trabalho Final de Graduação

Entrevistador: Rodrigo Rossini - Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Entrevistada: Professora Ida Helena Thon - Coordenadora do MNC

Data: 20 / 04 / 2010

* Perguntas realizadas:

01. O calçado foi historicamente o grande responsável pelo desenvolvimento econômico de Novo Hamburgo e demais municípios vizinhos. Em sua opinião, qual a importância de um museu que conte e perpetue esta história?

02. O que motivou a criação do Museu Nacional do Calçado?

03. De que modo o museu evidencia e se relaciona com a comunidade? Como ele se relaciona com outras instituições similares?

04. De que modo acontece hoje os seminários, cursos e palestras oferecidos pelo museu? É frequente a ocorrência destes?

05. Qual a frequência de visitas recebidas pelo museu mensalmente? Quais as pessoas que formam a maior parcela destes visitantes?

06. O museu recebe periodicamente algum tipo de exposição itinerante? Quais?

07. Quais são os ambientes que formam atualmente as dependências do MNC? Qual a condição destes locais?

08. Quais são as maiores dificuldades em termos de espaço físico enfrentadas hoje pelo museu?

09. De que forma está organizada a estrutura de pessoas que coordena e trabalha no museu?

10. O acervo permanente do MNC conta hoje com cerca de 40.000 peças. Qual a tendência do crescimento deste acervo?

11. Quais são as perspectivas futuras para o museu?

12. Existe algum projeto para a ampliação ou realocação do MNC? Existe o envolvimento de alguma outra instituição ou da prefeitura de Novo Hamburgo neste projeto?

13. Em sua opinião, qual a importância e a representatividade da construção de um novo prédio que abrigue o MNC?

14 No caso de ampliação ou construção de um novo prédio, quais seriam os ambientes indispensáveis para a reestruturação do museu?





Reportagem Jornal NH de 17 de mar. de 2010 - capa.
Conheça o Brasil pelos sapatos (MNC, 2010).

Museu propõe uma viagem pelo Brasil por meio do calçado

Exposição no Câmpus 1 da Feevale é um retrato das diferentes culturas do País

GABRIELA DA SILVA

Fotos Diego da Rosa/GES

Couro, rendas, cores, santos e muita arte descrevem o Norte ao Sul do País por meio do sapato. A exposição Referências Brasileiras, instalada no Museu Nacional do Calçado, em Novo Hamburgo (Câmpus 1 da Feevale, na Avenida Dr. Maurício Cardoso, 510, Hamburgo Velho), faz de detalhes mínimos fonte de história e reflexo da cultura do Brasil. "As peças expressam a essência de cada região", define a coordenadora do espaço cultural, Ida Helena Thon. Os modelos foram confeccionados e doados pela Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal) dentro do projeto Mix By Brasil, que busca valorizar o artesanato e as características dos vários povos que compõem a face do País. Contatos: (51) 3584-7101. ■

Norte - O Círio de Nazaré, popular procissão da corda de Belém do Pará, é o principal destaque da coleção dessa região. As peças expressam a união de descendentes de portugueses, negros e índios. Santos, sementes e fibras naturais representam espiritualidade e natureza.

Sul - A colonização de alemães e italianos inspirou o desenho dos modelos dessa região. Peças feitas em couro, com aplicações de pelos e bordados, procuram retratar o cenário construído pelos imigrantes na região. As malas de garupa, usadas por caixeiros-viagentes, também aparecem.

Centro-Oeste - As formas geométricas de Brasília e sua relação com o cerrado compõem os calçados que representam essa região. Nestes modelos, traços inspirados na arquitetura de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa se unem à simplicidade de estampas e elementos como folhas e sementes.

Nordeste - Rendas, búzios e guias aplicados nos calçados são elementos relacionados às multífaces da região. Aplicações em metal fazem referência aos instrumentos utilizados pelos primeiros escravos. Com suas cores e formas, os modelos estão ligados às músicas e à fé.

Veja reportagem em vídeo no www.jornalnh.com.br

Reportagem Jornal NH de 17 de mar. de 2010 - pág. 9.
Conheça o Brasil pelos sapatos (MNC, 2010).

NOVO HAMBURGO 83 ANOS

A avenida Pedro Adams Filho (foto) é uma homenagem ao pioneirismo do industrial em Novo Hamburgo. Ele tornou-se símbolo da indústria calçadista do Vale do Sinos por ter fundado a Calçados Adams, em 1898, primeira do ramo na cidade. O empresário morreu no dia 6 de setembro de 1935.



CALÇADO HISTÓRIA

Adams: os pioneiros no empreendedorismo

Pedro Adams Neto fala da implantação da primeira fábrica de calçados

Pedro Adams Neto, 85 anos, é neto de Pedro Adams Filho, o primeiro a instalar uma fábrica de sapatos na região do Vale do Sinos, a Calçados Adams, em 1898. Mas, a fábrica falhou em 1951.

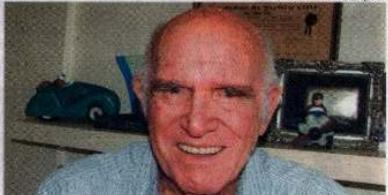
Seu Pedro lembra que seu avô lutou muito pela emancipação de Novo Hamburgo. Pedro Adams Filho tinha muito prestígio em Porto Alegre e foi ele quem recebeu a notícia por telefone. "Foi uma festa danada, teve passeata pelas principais ruas", recorda.

E não é à toa que hoje seu avô dá nome a uma das principais ruas do Município. Os feitos do empresário foram muitos. "Ele trouxe uma usina elétrica para Novo Hamburgo e o hipódromo de corrida de cavalo, com arquibancadas."

O aposentado conta que a empresa de seu avô era dona do campo de futebol do antigo Estádio Santa Rosa. O time foi fundado em 1911, e era chamado inicialmente de Adams Futebol Clube, por causa de um churrasco que Pedro Adams Filho deu a seus funcionários no 1.º de maio, incentivando-os a criar o clube.

Em 1953, nasceu a empresa Grande Gala, da qual Adams Neto foi sócio e depois proprietário. Era uma marca de sapatos femininos de modelagem sofisticada e cara que se tornou conhecida sob o conceito de "primeiro calçado perfumado do Brasil". "Apesar dos lojistas acharem caro, gostaram muito e logo encomendaram vários pares. A empresa que começou com oito trabalhadores, tinha 300 funcionários quando fechou."

GRANDE GALA FEZ SUCESSO COM SAPATOS PERFUMADOS



Pedro Adams Filho, após a 1.ª Guerra Mundial, voltou a inovar passando a vender sapatos para São Paulo. Até 1940, o Brasil importava produtos manufaturados e exportava apenas produtos primários tradicionais. Em Novo Hamburgo, a conquista do mercado externo ocorreu apenas em 1969, com a ajuda da Fenac. Por meio da Fenac, a cidade recebeu o título de Capital Nacional do Calçado (foto).

Reprodução

Bruna KirschGES-Especial

Reportagem Jornal NH de 05 de abr. de 2010 - caderno especial: Novo Hamburgo 83 anos. Calçado (Adams, 2010).



Rivelino Meireles/GES

Confira detalhes da COPA NO MUSEU

Bolas de futebol, chuteiras de famosos e quadros sobre a Copa estão na exposição Copa do Mundo 2010, no Museu Nacional do Calçado. A estudante Aline Theisen (foto) observa cada detalhe e entra antecipadamente no clima do Mundial. **PÁGINA 22**

Reportagem Jornal NH de 26 de maio de 2010 - capa.
Copa no Museu (MNC, 2010).

Já é Copa do Mundo no Museu do Calçado

Rivelino Meireles/GES

Mostra traz chuteiras de jogadores famosos e entra no clima da competição

BRUNA KIRSCH

Novo Hamburgo - Desde o dia 17 de maio o Museu Nacional do Calçado, que fica dentro do Câmpus 1 da Feevale, está com a exposição Copa do Mundo 2010, com chuteiras de jogadores famosos, entre outros objetos temáticos. "A é mostrar uma exposição diferente", afirma a coordenadora do Museu, Ida Helena Thôn. A mesma exposição ocorreu na Copa de 2006, mas este ano traz novidades. Além dos objetos expostos, tem também a parte didática, que apresenta quadros sobre a África do Sul, país sede da Copa, e os estádios dos jogos. Além disso um outro quadro mostra os mascotes das Copas.

CONHEÇA

O Museu Nacional do Calçado fica no Câmpus 1 da Feevale, na Avenida Dr. Maurício Cardoso, 510, bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo.

O público pode conferir a mostra de segunda a sexta-feira, das 14 às 18 horas e das 19 às 22 horas, e aos sábados, das 8h30 ao meio-dia, até o fim de agosto. A visitação é gratuita e aberta ao público.

O Museu do Calçado tem, a cada três meses, uma nova exposição, a fim de trazer os visitantes de volta ao local. A próxima será sobre sapatos exóticos e artesanais e começa em setembro.

PRA CRIANÇA

A Copa do Mundo 2010 de futebol será na África do Sul, de 11 de junho a 11 de julho. São 32 países participando e divididos em grupos para a primeira fase. A seleção brasileira está no grupo G e joga pela primeira vez dia 15 de junho, às 15h30, contra a Coreia do Norte.

Craque - A chuteira de Everaldo Marques da Silva que, em 1970, trouxe o título de tricampeão do mundo para o Brasil, está exposta. Everaldo foi o primeiro gaúcho a ir uma Copa do Mundo.

Italiano - O jogador Francesco Totti, capitão da seleção italiana, campeã da Copa de 2006, também está presente. Totti foi selecionado para os 23 melhores da última Copa, mas não defenderá a Itália este ano.

Espaço - O museu foi dividido em duas salas. Na primeira estão os objetos que o torcedor usa, como tênis, pantufa, cornetas e camisetas. Já na segunda sala tem um minicampo de futebol, bolas dos times, chuteiras de jogadores famosos, como Ronaldinho, Taffarel, Everaldo e Totti, e um vídeo da FIFA que aborda o histórico das competições.

VEJA REPORTAGEM EM VÍDEO NO jornalnh.com.br

Reportagem Jornal NH de 26 de maio de 2010 - pág. 22.
Copa no Museu (MNC, 2010).